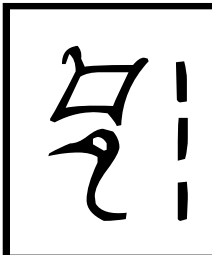
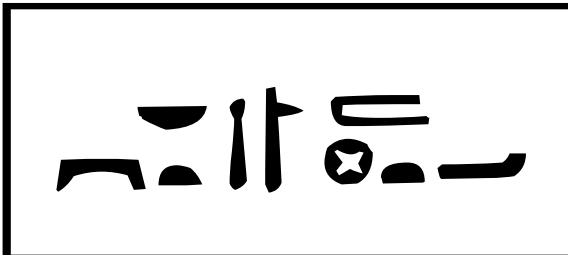
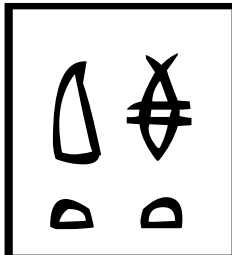
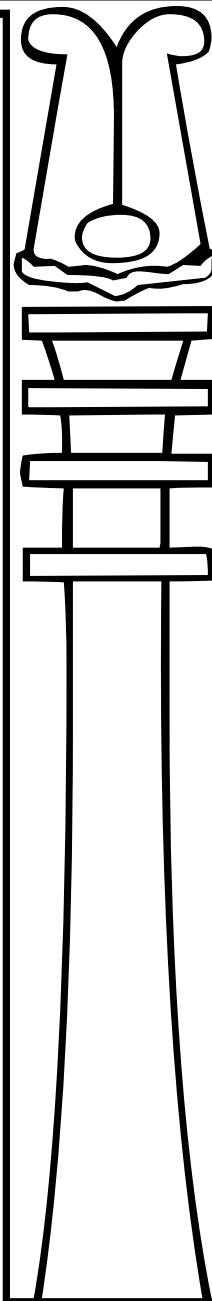


LIBER
CLXV

UM
MESTRE
DO
TEMPLO





A.:A.:

Publicação em Classe B

93	$10^{\circ}=1^{\square}$	} Pro Coll. Summ.
666	$9^{\circ}=2^{\square}$	
777	$8^{\circ}=3^{\square}$	
D.D.S.	$7^{\circ}=4^{\square}$	} Pro Coll. Int.
O.M.	$7^{\circ}=4^{\square}$	
O.S.V.	$6^{\circ}=5^{\square}$	
Parzival	$5^{\circ}=6^{\square}$	
V.N.	Præmonstrator	} Pro Coll. Ext.
P.	Imperator	
Achad	Cancellarius	

[Nota de Frater S.R.: sugerimos a leitura do volume "Aleister Crowley e a Prática do Diário Mágico", de James Wasserman, Editora Madras.]



Frater VNVS in Omnibus

Da Fotografia de Henry B. Camp

O Mestre é representado no Robe de um Probacionista, e descrito pelo Seu nome como tal, como se a declarar Sua Simplicidade. Ele está em Seu Asana favorito, o Dragão, em profunda meditação santa.

UM MESTRE DO TEMPLO

SEÇÃO I – 2º DE ABRIL DE 1886 A 24º DE DEZEMBRO DE 1909

Charles Stansfeld Jones, a quem eu normalmente menciono pelo mote V.I.O., que ele assumiu ao tornar-se um Probacionista da A·A·, fez sua entrada neste Mundo pelo método comum e reconhecido no dia 2 de abril de 1886 E.V, apenas escapando de se tornar um Tolo de Abril pelo atraso de um dia para reunir coragem o suficiente para voltar mais uma vez a esse Mundo frio e nada convidativo. Tendo sido untado, beijado e permitido viver, não nos preocuparemos com os detalhes de sua carreira até 1906, quando, tendo alcançado a idade de 20 anos, começou a voltar sua atenção em direção aos Mistérios e a investigar o Espiritualismo, principalmente com a ideia de refutá-lo. Seu interesse pelo Oculto parece datar desse ano, e foi aproximadamente nessa época que pela primeira vez ele conscientemente aspirou buscar e estabelecer contato com uma Verdadeira Ordem Oculta. Como veremos, essa aspiração seria realizada três anos mais tarde, quando teve a oportunidade de se tornar um Probacionista da A·A·, oportunidade esta imediatamente aproveitada; contudo, ao longo daqueles três anos, suas pesquisas o conduziram por variados caminhos: ao Espiritualismo, Credoismo¹ e outros “ismos” por um lado; ao “The Europe”, “The Leicester” e “The Cosy Comer”, por outro: finalmente, mas não menos importante, ao Casamento, às vezes tão difícil de manter que talvez seja melhor deixar de lado. Então, tendo de todo coração mergulhado nesse experimento derradeiro, tornando-se por certo tempo por assim dizer “Omnia in Uno”, ele emergiu em um estado de espírito bem adaptado ao estudo do Iluminismo Científico, do qual ele muito carecia, e, uma vez assinado o Juramento de Probacionista em 24 de dezembro de 1909 E.V, ele assumiu – depois de pensar cuidadosamente – o Mote “Unus in Omnibus” e, desde então, tem tido uma jornada confortável.

A partir dessa época, conforme as Regras da Ordem, ele começou a manter um registro escrito de seu Trabalho, o que torna nossa tarefa mais fácil;

¹ [Nota de S.R.: *Faithism*, no original. Consultar sobre os “Oahspe Faithists” e “Oahspe, a Nova Bíblia”.]

porém, uma vez que ele se tornou mais sério desde aquele momento, em certo nível devemos seguir seu exemplo e tratar o que está registrado como uma tentativa de uma alma esforçada de obter a Luz tanto para si quanto para os outros. Não importam seus erros, o quão pobres foram seus resultados, ou risíveis seus fracassos, há que se dar este crédito a ele: o de jamais ter desistido.

SEÇÃO II – 24º DE DEZEMBRO DE 1909 A 14º DE MAIO DE 1910

Frater V.I.O. começou com suficiente bravura. Assim que leu o primeiro número do *The Equinox* e antes de estabelecer contato com qualquer Membro da A:A:., ele fez uma tentativa de Asana. A mais antiga anotação que pude encontrar diz o seguinte:

Quinta-feira, 4 de novembro de 1909. 23h20 a 23h41.

Asana. Posição I. O Deus.

As costas inclinadas em curva, logo acima dos quadris, tive que me endireitar diversas vezes.

Abri os olhos e mexi a cabeça depois de aproximadamente cinco minutos.

Respirei bem regularmente depois dos primeiros poucos minutos, contando 9 na inspiração, segurando 4, 9 na expiração, segurando 4.

Vi várias cores nas nuvens e figuras incertas, durante a última parte do tempo.

Em 19 de dezembro, sua prática durou 46 minutos. Ele esperava chegar aos 60 minutos da próxima vez. Porém, parece que não agiu assim, pois, após ter assinado seu Juramento de Probacionista em 24 de dezembro, não encontrei qualquer relatório até 11 de janeiro de 1910 E.V, o dia em que ele recebeu as primeiras instruções escritas de seu Neófito, Frater P.A. Como essas instruções representam a base sobre a qual ele trabalhou por um período considerável, devo incluí-las aqui, apesar do fato de elas poderem ter vindo para ele de fora da Ordem para ser trabalhadas em definitivo, uma vez que se supõe que o Probacionista escolha por si mesmo as práticas que o satisfaçam melhor e, a partir disso, passe a experimentá-las por conta própria. De qualquer modo, como não sabia disso nesse momento, ele não pode ser repreendido por dar o

melhor de si nas diretrizes delineadas pelo seu Neófito². Em qualquer caso, ele poderia ter feito bem mais do que se esforçar para cumprir as simples regras seguintes:

AS REGRAS

1. Sê sempre moderado e segue o caminho do meio; é melhor ser tartaruga a ser lebre; não te precipites de modo selvagem em nada; não abandones aquele que tu acolheste, a não ser com muita prudência.

2. Mantém sempre teu corpo e mente em uma condição saudável e adequada; e nunca cumpras um exercício, seja mental ou físico, quando estiveres fatigado.

3. Num país ideal, as horas indicadas para praticar são: a alvorada, o crepúsculo, o meio-dia e a meia-noite (e sempre antes da refeição, nunca depois de uma).

Como isso não pode ser feito com conforto neste país (Inglaterra), que tua principal prática ocorra uma hora ou meia hora antes de teu desjejum.

4. Se possível, reserva um quarto para realizares teus exercícios; mantém-no limpo e conserva nele apenas objetos de teu agrado; queima um pouco de incenso no quarto antes de começares um exercício; mantém o quarto santo para ti mesmo e não permita, a ti ou a outrem, fazer nada desequilibrado nele, seja em pensamento ou em ação. No querer e na ação, torna esse quarto um templo e um símbolo daquele Templo maior, que é teu EU SUPERIOR.

OS EXERCÍCIOS

O Primeiro Exercício

Levanta-te na hora e, sem a indevida pressa, lava-te e veste-te, paramenta-te e entra no quarto que reservaste; queima um pouco de incenso, vira para o Leste e repete alguma simples oração, tal como: “Que a luz de Adonai possa surgir de dentro de mim, que ela possa me guiar ao longo deste dia e ser como uma lâmpada a iluminar minhas trevas”. Então, faze uma confissão geral de teu último dia de trabalho, tão brevemente

² E presunção para um Neófito delinear regras; pois (a) por não ter qualquer relatório, possivelmente ele pode não saber o que seu Probacionista precisa; (b) a tarefa do Probacionista é explorar sua própria natureza e não seguir qualquer curso prescrito. Uma terceira objeção é que, ao colocar o Probacionista em Espartilhos, uma pessoa inteiramente flácida poderá se esquivar pelo ano de provação e se tomar um Neófito para a vergonha da Ordem. Contudo, essa objeção é teórica; porquanto a Iniciação é supervisionada pela Terceira Ordem, onde nenhum Erro perdura. O.M.

quanto possível, e registra em teu diário; depois disso, senta em uma posição confortável e procede do seguinte modo.

Com as mãos sobre os joelhos e a cabeça reta, respira o ar para dentro em um tempo calculado, concentra todos os teus pensamentos nessa respiração que flui para dentro de teus pulmões, eliminando todos os demais pensamentos que possam aparecer durante aquele tempo; então, exala o ar, ainda mantendo teus pensamentos fixos neste. Faze isso por cerca de dez minutos, ou um quarto de hora, ou durante uma hora, e registra em teu diário o número de “interrupções”, ou qualquer resultado. A prática inteira deve ser realizada com ritmo e de forma harmoniosa.

O Segundo Exercício

Como o tumulto do trabalho diário tende a desfazer o que foi feito no exercício matinal, tenta ao máximo transformar cada item de teu trabalho profissional em exercício mágico. Faze tudo, mesmo o menor trabalho, em honra e glória a Adonai; excede tuas obrigações especiais em vida, pois Ele é de ti e tu és Dele; não penses a respeito Dele como Adonai, mas pensa em Adonai como o trabalho; e em teu trabalho diário cria um símbolo do Símbolo da “Grande Obra, que é SER”.

O Terceiro Exercício

Como o tumulto do teu trabalho diário tende a desequilibrar-te, acede então aos prazeres que nele estão. Cultiva o júbilo em todos os teus entretenimentos; e, quando em alegria, interrompe-a e em silêncio e entra em prece interior pelo prazer que está dentro de ti. Não faze disso um exercício melindroso, mas trabalha silenciosa e prazerosamente, e não discutas teus resultados com amigos negligentes. Principalmente, faze tudo pela honra e glória de Adonai, de modo que, a partir de teus prazeres diários, possas construir um símbolo daquilo que É o Prazer Imutável.

Essas instruções estavam acompanhadas de uma carta, da qual cito o seguinte: “Ao realizar os exercícios aqui incluídos, diga para ti mesmo: ‘Estes eu farei por três meses; mesmo se não obtiver qualquer proveito deles, pois estou *determinado* a fazê-los’. Escreve-me quando quiseres, mas não consideres qualquer resultado obtido como muito importante; pois esses pequenos exercícios servem apenas para produzir um equilíbrio necessário antes de começar o trabalho mais sério. Caso acrescente por tua conta qualquer exercício, então o pratica diária e continuamente em uma hora definida; assumir um exercício e desistir dele é pior do que inútil, pois significa desequilíbrio”.

Agora, como qualquer Probacionista sabe, logo que alguém passa a se dedicar regularmente à mais simples tarefa com intenção mágica, a tarefa não

apenas se torna difícil, mas quase impossível de ser realizada. É exatamente isso que V.I.O. descobriu, e, nem bem deu início à tarefa dele, todos os tipos de dificuldades para impedir seu cumprimento apareceram, como os demônios de cara de cão mencionados por Zoroastro. Ele tentou, mas, ao final de janeiro, escreve que: “não posso progredir sob estas condições. Tive tempo o suficiente para fazer os exercícios esta manhã, mas fui interrompido continuamente. Não me paramentei, pois não tenho um local merecedor de ser chamado de templo”. A respeito desse último aspecto, mal sabia ele o quão de fato abastado era! Morava em um apartamento confortável em Kensington, com todas as conveniências da civilização; poucos anos depois, ele se satisfaria em praticar Asana e meditações na chuva, de pijamas, porque sua frágil barraca na Colúmbia Britânica era muito pequena para lhe permitir trabalhar dentro. Porém, divagamos. Nesse ponto, seu relatório para abruptamente. Ele permaneceu em Londres até maio de 1910, quando surgiram circunstâncias que lhe tornaram impossível visitar a Colúmbia Britânica.

Então, armado com o *The Equinox*, seu documento de instruções, e uns poucos livros sobre o Oculto, navegou sozinho para o Canadá, para, novamente, começar em campos novos e não cultivados.

SEÇÃO III – 25º DE JULHO DE 1910 A 30º DE ABRIL DE 1911

O próximo registro em seu diário é datado de 25 de julho de 1910. Trata-se de uma confissão geral a respeito dos últimos seis meses. A metade desse ano de Provação já havia passado, e ele não tinha se reportado ou recebido qualquer comunicação da Ordem. Lamentava sua negligência a esse respeito, mas ele escreve que: “Sei muito bem que tenho de sofrer sozinho e sofrerei por causa dessa negligência e que, ainda assim, devo humildemente aceitar quaisquer resultados advindos desse meu fracasso. No mais, ainda que eu tenha negligenciado o conselho dado a mim quando me tornei um Probacionista, sinto que jamais progredi tão lentamente ao longo do Caminho desde que nele eu pus os pés. Será possível, ó Adonai, que os seis meses seguintes possam agora equilibrar os seis meses anteriores, e aquilo que passou não poderá ter sido para o melhor?”.

Naquele momento, ele ainda não sabia que as coisas sempre ocorrem para o melhor; levou muito tempo para que percebesse isso, mas é evidente que, logo em seguida, seus esforços produziram algum resultado, pois encontramos no registro de Domingo, 7 de agosto de 1910: “Descobri (por uns poucos momentos) a Paz que perpassa todo entendimento. Amém”. Evidentemente, isso fora o prenúncio do primeiro resultado realmente notável dele, o primeiro Alvorecer da L.V.X., que experimentaria em 29 de agosto. Existe um registro em 2 de setembro repleto de alegria, satisfação e maravilhamento por sua primeira Iluminação; e então, três dias depois, ele reconheceu que apenas isso não era suficiente, e que evidentemente era, de certa forma, a razão para o próximo curioso registro, feito em 5 de setembro, às 19h53, o qual citarei praticamente por inteiro:

Estou calmo agora, quando começo a escrever o que pode ser o último registro neste diário. Tudo de que posso me lembrar a respeito de minha vida neste planeta, na medida em que olho para trás, tem sido guiado por uma mão invisível. Pois, para uma vida tão breve (24 anos e seis meses), ela foi repleta de um número incomum de incidentes, alguns dolorosos, alguns bem alegres e alguns de natureza puramente espiritual. Não me lamento de nada. Novamente, três dias se passaram desde que fiz o último registro neste livro. Não posso falar sobre o que aconteceu durante esses três dias, pois parece inútil tentar fazê-lo; na verdade, parece inútil registrar tudo isso, exceto que não sei o que está adiante de mim, e sinto que se eu tivesse vivido (ou se eu viver) por mais tempo nesse planeta, o trabalho de minha vida seria, e sem dúvida tem sido, o de ajudar outros no Caminho. Portanto, estas linhas são escritas para aqueles que virão, na esperança de que possam ser salvos da angústia que agora sofro. Não importa o que possa ter acontecido nestes últimos três dias, esse é o resultado de meus pensamentos. Eu, que encontrei o coração do triângulo brilhante, que de fato me tornei um com a Grande Fraternidade Branca, que escutei a Voz de Deus em toda a Sua doçura, que fiz daquela mensagem uma parte (não tudo) de meu ser, que tive meu Amor em meus braços, que me Tornei meu Amor e nisso me perdi, que para sempre desisti de meu eu inferior, que conquistei a morte, que senti a Dor de todo o Mundo, que encontrei Sabedoria, Amor e Poder, que desisti de Tudo para tornar-me ada; eu, que vi a necessidade do Mundo, descobri, que aqueles livros (até aqui, meus mais estimados companheiros) nada mais têm a me dizer – descobri que o conhecimento (relativo), ou o que penso que seja conhecimento, não ajuda a suprir as necessidades de toda aquela outra parte de meu Ser, aquela que meu grande amor por Deus me daria. Eu, que conquistei o Medo e a Morte, sou agora confrontado com o fato de que, sem o Conhecimento Absoluto, tudo é vão. Irei fazer a Última Pergunta. POR QUÊ? Isso eu escrevi. Cai um silêncio horrível. Estou só em meu alojamento. Não tenho dinheiro e não posso usar minha Vontade para exigi-lo de outros,

pois nada tenho a dar em troca para ajudá-los a descobrir o que realmente buscam. Gritei com Cristo: “Eli, Eli, Lama Sabacthani”. Sofri do Suor de Sangue com Ele sobre a Cruz, e agora digo, com Ele: “Está terminado”. Amém. Uma observação final me ocorre antes de encerrar, selar e remeter esse livro para F..., em cujas mãos ele estará seguro. Ao anoitecer, olhei para dentro dos olhos de uma pequena criança. Será que a resposta está ali?

5 de setembro, 12h26. Acabou. Uma vez mais tirei o selo do pacote e abri o livro. Dessa vez nada mais será senão um breve registro. Bem calmamente, ajoelhei-me; não me paramentei e não queimei incenso. Apenas mantive comigo a memória que uma pequena criança que havia olhado dentro de meus olhos, enquanto eu beijava a fronte dela. Bem calmamente, fiz minha pergunta. Levantei-me e deitei sobre a cama, e logo veio a resposta. Ela chegou de modo bem silencioso e inicialmente pensei que eu devia estar equivocado, pois tinha (assim pareceu) escutado muitas vezes aquilo antes. Não veio nenhuma outra resposta, então saí às ruas e segui meu caminho. Gradualmente, o significado completo raiou sobre mim, e tive de retornar para fazer esse registro. Não preciso acrescentar muito mais. Não anoto a resposta. Ela me foi dada em silêncio e deve permanecer em Silêncio. Ainda que pareça ser apenas um ondular de júbilo no Grande Iar Silente em que mais uma alma gentilmente mergulhava em sua quietude, as vozes silentes sussurraram: “Bem-vindo, irmão”. Então, tudo ficou como antes, em calma e Paz. O ondular seguiu seu curso para que o mundo lhe tomasse conhecimento, e, então, uma vez entregue sua mensagem, tudo se tranquilizou. Amém.

Qualquer que seja a natureza dessa Iluminação, provavelmente era um estado de Dhyana que deixou um resultado bem marcante na consciência de Frater V.I.O., dando-lhe a energia necessária para continuar sua Obra ao longo desse obscuro e triste período. Nesse momento, até mesmo ele não poderia estimar de modo algum o valor daquilo. Estava sozinho em Vancouver e sem contato com a Ordem, sem receber mais orientação de seu Neófito desde que deixara a Inglaterra. Na verdade, ele não ouviria nada até janeiro do ano seguinte. Entretanto, ele enviou um cartão-postal para dizer que havia obtido algum resultado.

Aproximadamente no mesmo período, encontrei um registro chamado “A Filosofia de V.I.O.”, que parece ser de interesse, por causa de algumas similaridades com a Lei de Thelema, a respeito da qual ele nada sabia naquele momento. Ela diz o seguinte:

O Homem não está sujeito a nada, senão à Lei Única.

Caso viole uma parte disso, não prejudicará ninguém a não ser ele mesmo.

Enquanto vive em unidade com Ela, ele é Deus.

Enquanto não vive em unidade com Ela, ele é homem.

Enquanto vive em unidade com ela, ele se torna a Lei.

Percebê-la e nela viver é a Grande Obra.

Violar a Lei após tê-la percebido é Pecado.

Esforçar-se para trazer a todos o Conhecimento da Lei é manter a Lei.

Procurai a Lei de modo a poder ser Livres.

Sabedoria, Amor e Poder, esses três são Um. A Lei é que eles sejam Um.

Encontrar o Ponto a partir do qual esses três se tornam iguais, e nele se manter; apenas desse modo é que a Lei pode ser Conhecida.

Caso conheçais isso, conheceis Tudo.

Caso não conheçais isso, conheceis menos que Tudo.

Buscai sempre pelo Absoluto, e sede contentes com Nada menos que isso.

Ao final de setembro, os resultados imediatos dessa primeira Iluminação pareciam desgastados, e encontramos Frater V.I.O. desesperadamente empenhado em estimar o valor do que lhe havia acontecido. Certamente, ele estava em uma trapalhada mental, como mostra o seguinte registro, ainda que na época seu único pensamento parecia ser encontrar meios de auxiliar os outros a buscarem aquela Luz que havia transformado todo o seu ser:

24 de setembro de 1910. Hotel Driad. Victoria, C.E.

Sentei-me aqui com a ideia de tentar classificar os resultados obtidos anteriormente (desde o registro de L.V.X.).

Posso mencionar que, durante o intervalo, li e estudei cuidadosamente *Tannhäuser*, *Sword of Song*, *Excluded Middle*, *Time*, *Berashith*, *Ciência e Budismo*, *Three Characteristics*, etc., de Crowley. Sob a Luz do Entendimento, todas essas obras foram compreendidas de um modo bem

diferente de quando foram lidas anteriormente. Ademais, o Propósito de Liber LXV está claro. O resultado de tudo isso me concedeu um sentimento de haver chegado ao mesmo tempo ao Fim e também ao Princípio.

Essa (a propósito) parece ser a experiência comum do principiante; tão logo obtém um resultado, qualquer resultado, ele pensa imediatamente que isso é o final. Contudo, evidentemente V.I.O. não estava ludibriado nesse sentido, pois ele segue, dizendo que:

Agora, teria eu realmente chegado ao Fim? Parece razoável supor que eu não devesse estar escrevendo isso. De qualquer forma, meu corpo e minha mente ainda existem como corpo e mente. Porém, como são admiravelmente impermanentes, será que importa muito se continuarão ou não a existir desse modo? O que fazer com a Consciência da Existência Daquilo que a ambos transcende? Ora, não teria alguma parte de meu presente Estado de Existência percebido a possibilidade de outro estado superior de Consciência? Não estaria eu ainda naquele estado de incerteza em que vivi antes de essa percepção acontecer? Essa percepção que ocorreu tem algo que permaneceu como vislumbre do Ser, diferentemente do prévio não-ser.

O resultado de sua análise mental pareceu indicar que ele havia experimentado internamente um estado de consciência repleto de Paz e Júbilo, mesmo que fosse algo mais próximo de Zero do que qualquer outro termo. Ele não conseguia encontrar nada com o qual pudesse comparar esse estado, mas reconhecia sua imensa superioridade em relação à consciência normal, embora sentisse um intenso desejo de fazer o possível para que outros compartilhassem de sua experiência. Contudo, uma vez que considerava impossível explicá-la em palavras, reconhecia que deveria obter o conhecimento de algum Sistema definitivo para produzir esse estado cientificamente, mas, visto que nem mesmo era um Neófito da A:A:., tinha curiosidade de saber se Eles o reconheceriam como alguém qualificado para exigir o direito de conhecer e disseminar Seus ensinamentos. Em todo caso, determinou-se a reduzir os desejos do Ego como se fosse um ser separado, tão distante quanto possível, esquecendo-se de si e de seus esforços, para fazer tudo pelos outros conforme a Luz que havia obtido.

De qualquer modo, considerou que a destruição do Ego não seria assim tão facilmente executada logo no primeiro assalto. Contudo, havia aprendido, não a partir dos livros, mas por meio da experiência, que, quanto mais se aproximava da Consciência do Nada, mais próximo chegava da Percepção da pura Existência. Então, essa redução de consciência a Zero se tomou o objetivo

fixo de sua Meditação; a partir daquele momento, quaisquer outros experimentos que fizesse seriam vistos como necessários no sentido de prepará-lo para auxiliar os outros, e não para seu próprio desenvolvimento pessoal.

Em 7 de janeiro de 1911, ele recebeu o nº 4 do *The Equinox* e, ao verificar o Frontispício de *Liber Jugorum*, experimentou uma sensação de decidida aversão por cortar seu braço daquele modo ali prescrito. Contudo, disse: “Temer é falhar, e o precursor da falha; sem dúvida será melhor empreender uma semana desse trabalho para tirar o melhor proveito, e depois provavelmente não terei mais problemas a esse respeito”. Então, ele decidiu omitir o vocábulo “E” de sua conversação daquele período. O relatório de seus experimentos foi feito detalhadamente³ e pode ser de interesse a outros Estudantes; assim, devo transcrevê-lo por completo.

Sábado, 7 de janeiro, 1911. Vancouver C.B.

16h. Acabei de receber o *The Equinox* e irei experimentar o Controle do Discurso, por meio da não-utilização do vocábulo "E" por uma semana. Que meu Senhor Adonai possa me ajudar. Amém.

Sábado, 7, Meia-noite.

Embora estivesse continuamente atento, tive de auto flagelar-me 15 vezes desde as 16 horas. Amanhã tentarei fazer um relatório melhor. (Estou certo de que não evitei fazer cortes no braço imediatamente após usar o vocábulo.)

Domingo, 8, 23h30.

Disse o vocábulo proibido:

2 vezes antes de levantar, pela manhã.

1 durante conversas.

3 durante uma prática de canto.

1 no chá.

1 ao anoitecer.

1 no jantar.

Total: 9

³ Solicito que o leitor observe que apenas bem poucas práticas estão transcritas nesse resumido relatório. Essa observação é especialmente importante, pois um leitor negligente pode ser levado a supor que V.I.O. deu grande importância a muito pouco. Pelo contrário, de todos os Irmãos, é ele quem mais duro trabalha e bem mereceu seu sucesso, que é sem precedente. O.M.

Isso é certamente melhor. As três vezes durante a prática de canto ocorreram enquanto ensaiava uma nova música com o coral do qual sou membro, e é muito difícil deixar de lado uma palavra quando se está cantando. Acho que essa prática faz a pessoa falar muito menos. O vocábulo escolhido, por ser uma conjunção, frequentemente faz com que a segunda parte de uma sentença permaneça sem ser falada. Antes, eu nunca havia percebido o quão desnecessárias são algumas de nossas falas; na verdade, agora não tenho dúvida de que uma grande quantidade de coisas podem ser deixadas sem ser ditas.

Segunda-feira, 9 de janeiro. Hora de ir dormir.

Hoje eu disse o vocábulo pela primeira vez na hora do almoço.

1 às 13h20, no almoço.

1 às 14h25, no escritório.

2 às 16h (Fui descuidado o suficiente para repetir a frase que o continha. Fiz em mim um corte extra.)

1 às 17h10.

1 às 17h30.

Total: 6

Estou contente porque isso demonstra um aperfeiçoamento. Estive trabalhando e falando no escritório durante toda a noite até as 10 horas e depois conversei um pouco em casa.

Terça-feira, 10 de janeiro. 12h35.

Estou irritado comigo mesmo, pois tenho sido bastante descuidado. Tive uma conversa com um sujeito esta manhã por cerca de sete minutos e me esqueci completamente da concentração. Contudo, habituei-me mais ou menos a falar em frases curtas; assim, não creio que tenha dito o vocábulo mais do que duas vezes. De qualquer modo, neste momento estou indo fazer-me um corte extra, por ser descuidado.

1 pela manhã, antes de sair de casa.

2 durante uma conversa (mencionada acima), às 12h10.

1 durante o almoço (não emiti totalmente a palavra, mas a registrei.)

1 às 19h45. (começo a sentir os braços doloridos).

1 às 22h30 (falando rapidamente com M.).

_____ Fui para a cama às 23h10.

Total: 6.

Quarta-feira, 11 de janeiro. 18h45.

Na hora do almoço, das 12 às 13h:

- 1 às 9h50, no escritório.
- 1 enquanto falava com meu irmão C.
- 1 enquanto falava com minha esposa.
- 1 enquanto falava com meu barbeiro.

Considero muito ruim o que foi mostrado acima; mas a explicação é que, nessa hora em particular, estive com muita “pressa” na medida em que precisei ligar no escritório de meu irmão, sair para almoçar em casa, comprar algo para o almoço, voltar para comê-lo em casa e também me barbear, tudo em uma hora. Evidentemente, perturbei-me e perdi um pouco o controle. (Observo que tenho dúvidas sobre o tempo em que estive falando com meu irmão, embora o tenha incluído aqui.) Penso que deveria anotar aqui que, nas noites de sábado, domingo e segunda-feira estive bem consciente a respeito de minha tarefa praticamente o tempo todo; até mesmo quando cometia erros, eles eram quase sempre causados por eu tentar ser muito severo. Provavelmente, ao ter sucesso em superar uma breve conversa um tanto que difícil, fui levado a cometer um erro. A terça-feira e hoje têm sido bem diferentes. Tive um pequeno lapso de vigilância, mas conquistei certa cautela inconsciente. Esta torna as conversas mais fáceis, mas não está suficientemente firmada a ponto de me livrar dos erros. A verdade, não estou certo se não estou ficando ainda mais negligente.

- 1 às 17h20, no escritório.
- 1 às 20h30, para minha esposa.
- 1 às 22h00, cantando.
- 1 às 22h50, falando com minha esposa.

Total do dia: 9

Observação. Senti-me terrivelmente impaciente durante toda a noite, e tive um desejo intenso de falar livremente. Fui ao Smoking Concert às 20h45, mas saí novamente às 22h05, uma vez que não suportava mais ficar lá. Quero muito cantar e, na verdade, participei em uma canção e cometi um deslize, mencionado acima. Acho muito difícil renunciar a um vocábulo durante toda uma canção, mesmo cantando com outros.

Quinta-feira, 12 de janeiro. 19h35.

Senti-me muito melhor hoje e tive um controle mental bem maior. Às 8h58, anotei uma falha, mas dessa vez não falei de modo audível; de qualquer forma, o significado estava em minha mente, de modo que a considere. Estava repetindo a hora que me fora dita por um amigo, ou seja, um minuto “e” meio para as nove horas. Novamente aconteceu às 18h35, mas também de modo inaudível.

Completei o dia com muito sucesso, com um total de dois erros (inaudíveis).

Sexta-feira, 13 de janeiro. 18h20.

(todas essas foram inaudíveis)

1 pela manhã, no escritório.

1 às 14h35. 1

1 às 16h30.

1 às 18h10. Bem alto.

Nem mesmo sei se devo contar os erros inaudíveis, mas prefiro deixá-los parecerem piores a tentar enganar-me.

1 às 19h10, com a Sra. R. (alto).

1 às 21h, no escritório.

1 às 22h30, para minha esposa.

1 às 23h30, para minha esposa.

Total do dia: 8

Este foi um dia muito ruim, e eu tinha muita esperança de passar um dia inteiro sem qualquer erro! Não importa: melhores resultados virão nos próximos experimentos.

Sábado, 14 de janeiro. 18h30.

Novamente, os resultados foram bem pobres.

1 durante a manhã.

1 à 13h45, para minha esposa.

1 às 15h00, para minha esposa.

3

Total geral:

Sábado à noite, 7 de janeiro: 15

Domingo: 9

Segunda-feira: 6

Terça-feira: 6

Quarta-feira: 9

Quinta-feira: 2

Sexta-feira: 8

Sábado, até as 16h: 3

Total da semana: 58

Assim acaba o primeiro experimento de controle de Discurso. Foi algo um tanto quanto decepcionante, como indicam os resultados; porém, isso me provou o quanto eu precisava do exercício. Fiquei muito contente em tê-lo feito, e vou tentá-lo novamente num futuro próximo.

Observação. Superei o sentimento de aversão por cortar-me. O primeiro corte foi bem pequeno, cerca de meia polegada de comprimento; depois aumentei os cortes para cerca de 3 polegadas.

De 21 a 28 de janeiro, Frater V.I.O. passou pelo experimento de controle do corpo, deixando de cruzar suas pernas. A mesma penalidade de antes era aplicada. O total de erros da semana foi 24. Em fevereiro, dia 25, ele registra o fato de que obteve sucesso no desempenho dessa prática, pois havia passado uma semana inteira apenas com um erro duvidoso, ocorrido durante o sono.

O resultado dessas práticas de Frater V.I.O. foi marcante. Primeiramente, o ato de cortar o braço durante a primeira prática de controle de discurso resultou em uma cautela subconsciente, de modo que, durante o segundo exercício — cujos detalhes registrados não tenho — ele percebeu que, embora o objetivo da prática fosse o controle do corpo, ao deixar de cruzar as pernas, até mesmo a tentativa das pernas de voltarem ao velho hábito frequentemente tinha o efeito de fazê-lo subitamente mais cuidadoso em seu discurso, mostrando assim que existia uma conexão secreta em sua mente subconsciente como resultado da prática anterior.

Porém, o que ainda é de grande importância, tanto quanto o considerava Frater V.I.O., é que as práticas evidentemente tinham o efeito — talvez aumentado por uma carta de seu Neófito — de induzi-lo a fazer um esforço mais puro e determinado para realizar com regularidade os Exercícios Místicos por um período definido, de acordo com as instruções originais da A.:A.:. De 30 de janeiro de 1911 a 30 de abril desse mesmo ano, ele manteve um diário cientificamente tabulado e, durante os três meses prescritos, não passou sequer um dia sem realizar a tarefa que lhe fora designada.

Seus resultados durante esse período talvez não fossem de uma natureza tão impressionante, mas, como qualquer verdadeiro Estudante aprende, é o longo e persistente “trabalho duro”, o esforço determinado de cumprir o conjunto de tarefas a despeito de cada obstáculo que possa surgir, que realmente conta para que comecem a vir os resultados duradouros. É a Vontade que precisa de treinamento, e a consumação de tal obra, particularmente se desinteressante e tediosa em si mesma, vai longe para atingir seu objetivo.

30 de janeiro de 1911. Carta de Frater P.A., seu Neófito. Nessa carta, ele descobriu que muitas mudanças ocorreram desde que deixou a Inglaterra e, dentre essas, que Frater P.A. tinha cortado relações com a Ordem Externa, mas que queria continuar a orientá-lo.

5 de fevereiro. Desejava saber se Frater P.A. havia apenas falado aquilo a ele com o intuito de testá-lo. Deve ser lembrado que tudo isso havia ocorrido enquanto estudava sozinho, sem ter quaisquer notícias a comunicar, fato ao qual atribuiu seu próprio fracasso em executar minuciosamente seu trabalho. Estava em grande parte certo com relação a isso, pois, a menos que um Probacionista faça o que lhe foi ordenado, não poderá esperar ser ajudado, o que só poderia significar que o Mestre contribuíra com sua preguiça ou fraqueza.

6 de março de 1911. Até essa hora, apesar de ter feito regularmente os exercícios e de nenhum resultado em particular ter ocorrido, encontramos a seguinte observação: "(...) de fato, agora não busco ou espero por qualquer resultado, uma vez que o controle do self é o objetivo desses exercícios".

Nesse momento, deve ser observado que, quando alguém consegue chegar a um estado de trabalho onde esteja satisfeito apenas em continuar a fazê-lo, sem esperar resultados, frequentemente ocorre de obtê-los. (Obviamente, não é comum tentar se fazer de bobo a respeito dessas coisas, pois não se pode obter um resultado tão-somente por dizer-se que não se importa com isso.) Algo desse tipo parece ter acontecido nesse caso, como demonstra o que aqui segue.

12 de março. Ao ler "Parsifal", senti uma iluminação interior que permeava todo o meu ser, e me tornei *consciente mais uma vez* a respeito da Verdade de *minha prévia Iluminação*, como se eu a houvesse perdido anteriormente.

Essa anotação é interessante. A Iluminação vem, e, nesse momento, não existe dúvida a seu respeito. ELA É. Depois, talvez a vida prossiga como antes, exceto pela perene lembrança de que "Algo aconteceu" e, não havendo nada com o qual compará-lo, é difícil descrever ou mesmo explicar esse Algo. De qualquer modo, logo em seguida vem outro momento em que a pessoa reconhece os sintomas, quase uma antecipação, e uma nova Iluminação ocorre como se fosse acrescentada à antiga, e em ambas existe um saudável espanto e prazer.

15 de março. Sinto como se eu fosse um instrumento musical soado alto. Minha Vontade passeia pelas cordas, causando uma vibração completa e harmoniosa em meu ser, que de vez em quando parece produzir a melodia mais deliciosa.

28 de março. Como posso descrevê-lo, como colocar em palavras pelo menos a ideia daquilo que não tem forma? Não obstante, tentarei enquanto ainda resta um vestígio de pensamento. Concebi uma criança em

meu útero. Pela primeira vez percebi que é isso que tenho: que eu tenho um útero? o entanto, é assim, aquele “vazio” interior, dentro do qual projetei meus pensamentos e do qual eles retornaram à “vida”, tem um grande propósito. Não poderei deles forjar uma criança, que será EU MESMO feito dos mais altos ideais, a essência de minhas dores, refinada e purificada, liberta dos dejetos pelo fogo que vive? Essa vida de Serviço deve ser vivida até que eu esteja “sem egoísmo” a respeito de tudo que conheço como eu mesmo, pois todo o tempo não estará minha “criança” crescendo dentro de mim, composta dos mais refinados materiais? E, a partir disso, pela completa união... Nada mais posso explicar agora.

Essa anotação indica um reconhecimento da “formulação do negativo no ego” que acaba sendo a destruição desse ego. Não está escrito em Liber LXV que: “Como um ácido corrói o aço e como um câncer que corrompe completamente o corpo, assim estou para o espírito do Homem. Eu não descansarei enquanto eu não tenha o dissolvido totalmente”?

Domingo, 2 de abril (25º aniversário de Fra. V.I.O.). Durante a prática, obtive uma distinta consciência de que o “centro da consciência” não estava “dentro”, como de costume, mas acima da cabeça.

3 de abril. Alterno entre um estado de “aproveitar qualquer tarefa ou posição porque isso é a primeira coisa que me ocorre e, portanto, é o modo de ação mais simples e melhor” e “um sentimento de absoluta tortura mental causada pela necessidade de existir”. O primeiro estado parece dar a oportunidade de estar continuamente me “alargando” até me tornar Aquilo que posso “conscientemente ser” por um curto espaço de tempo, e o outro parece levar-me à aniquilação. Provavelmente, a multiplicação de um estado pelo outro seja a solução (é o $0 \times \infty$ de Crowley).

Sábado, 8 de abril. Durante os últimos três dias me aproximei gradualmente de outro “clímax” e, devo dizer, alcancei seu ponto máximo no sábado, quando atingi um estado de iluminação como se este tivesse sido “somado ao meu estado anterior”. Peguei um pedaço de papel e anotei: “Em meio a todas as complicações e perplexidades que restavam, por detrás de tudo, a Vontade. A Vontade de Ser. A Vontade de Nada Ser, que é o único estado inconcebível para a mente. O velho Deus quis ser algo, e o Universo apareceu. O Novo Deus quer ser Nada e se torna?”. Depois que escrevi isso, houve um sentimento de bem-aventurança refletindo aquilo que fora capturado pelo corpo. Tornou-se tão prazeroso que girei em uma dança louca e me supri de música. Fui contido pelos limites do quarto, mas “eu” estava Livre, de modo que isso não importa muito. (Essa foi a segunda experiência de um ritmo que toma o corpo e, de certo modo, causa o giro e a dança como forma de expressá-lo.)

9 de abril. Comecei a ler por volta das 8h30. Algumas vezes ao longo da manhã abandonei a ideia de “ego” para perceber o Todo como o Self. (Deixei de fazer as anotações por algumas horas) Tenho terrível dificuldade para expressar a mais simples ideia sobre o que ocorreu durante esse estado, embora seja importante fazê-lo tão bem quanto puder. Isso de não existir alma me agride como se fosse um vazio horrível. Isso de não ser e nunca existir como “eu” me chega como uma percepção maravilhosa, enquanto a consciência da irrealidade do “eu” permanece. Com a perda do “ego”, vem a consciência de que todo o universo de coisas e pessoas nada é senão uma parte do Estado até então alcançado. Ou seja, se esse pequeno corpo morre, a existência continua ainda em outra parte do Universo, e, assim, a mudança chamada Morte, que ocorre em átomos diferentes o tempo todo, não faz diferença. Existirá alguma razão para que não se deva perceber tudo e todos como partes de Si mesmo, desde que, do mesmo modo, se permita de bom grado aos demais considerá-lo como apenas uma parte da imaginação deles? Isso pareceria como se uma minúscula parte – o self – tivesse sido carinhosamente cultivada, enquanto que, na realidade, essa maiúscula parte nada é senão um reflexo do todo que Tu verdadeiramente és, mas mesmo esse estado deve ceder diante do Poder do Nada.

16 de abril, 8h30. Terminei a leitura da Vida de Buda e, então, deitando-me, preparei-me para a Meditação. Respirei regular e profundamente por um tempo; posteriormente, parei todas as anotações por duas ou três vezes (Shanrnukhi Mudra). Nesse instante, passei para um estado praticamente indesejado. Podia sentir o Objetivo, mas o desejo de auxiliar os outros fez com que fosse impossível Tornar-se o Estado contemplado. Depois disso, ao deixar todo o alento fora do corpo, fui surpreendido ao sentir uma súbita clareza, como se eu estivesse a flutuar. Como isso era algo inesperado, fez-me direcionar meus pensamentos para o corpo, e, depois, embora tenha tentado, não pude mais voltar ao estado anterior. Creio que me mantive na condição mencionada por mais de uma hora, pois eram 12h quando olhei para o relógio. Na verdade, podem ter sido quase duas horas.

A meditação acima deixou Fra. V.I.O. com um sentimento de estar “Próximo, mas não o Bastante”. De certa forma, havia encarado fixamente o Objetivo do Nada, mas não conseguiu Tornar-se esse Objetivo. No dia seguinte, sentiu desânimo e desgosto. Em 22 de abril, a razão novamente se mantém forte, e ele, obviamente sem sucesso, tenta usá-la para descobrir onde está, uma vez que a Razão jamais poderá explicar o que se encontra Além da Razão. Creio que nesse ponto ele começou a cometer outro grave erro: tentou comparar suas experiências com as de João São João, o que fez com que subconscientemente João São João o influenciasse muito depois, quando ele iniciou o Retiro, embora

não quisesse e não pudesse admiti-lo naquele momento. A pessoa deve ser ela mesma nessas coisas e não tentar ser outra. O registro dele de 22 de abril é bem longo e vou citá-lo aqui parcialmente:

Gostaria de poder me expressar melhor. Lendo J.S.J. novamente, percebi que posso compreendê-lo muito melhor do que quando o li pela primeira vez, três meses após sua publicação. Na ocasião, pareceu-me como um sonho de um futuro distante; agora, muitas partes se parecem com anotações de minhas próprias experiências, apenas expressadas de um modo infinitamente melhor do que tenho sido capaz de fazer. Ora, que valor tem a experiência que eu já adquiri? Por que o estado de Unidade com Adonai não perdura, ou melhor, será possível permanecer continuamente consciente desse Estado? Como é que eu sabia sobre o que se estava falando, quando da leitura de um relato como João São João, e por que eu podia sentir como ele a dificuldade de colocar essas coisas em palavras? Eu não poderia ter percebido isso um ano atrás, antes de ter penetrado em certos estados que não podia de modo algum avaliar enquanto estivesse em um estado normal de consciência. Então, não há dúvida. Porém, como poderei estar sempre Certo? Trarei *The Equinox* e anotarei os pontos do modo como eles chegam a mim. Que eu cite a página 87. “Bem, obtive algo (novamente!), ou seja, quando tudo estiver dito e feito, sou o que sou, e todos esses meus pensamentos, sejam anjos ou demônios, são apenas transitórios humores meus. Meu ser único e verdadeiro é Adonai. Simples! Ainda que eu não possa ficar nessa simplicidade”. Posso perfeitamente perceber esse estado, mas não sou um Magista, sei pouco ou nada a respeito de Magia Cerimonial, exceto de alguma leitura; meus resultados não têm sido acompanhados de visões. Os resultados que obtive têm sido no sentido de me tornar a coisa em si, mas não de vê-la. Contudo, continuando: a ideia de voltar para auxiliar os outros (ver domingo, 16 de abril,) será apenas uma forma do Habitante do Umbral causada pelo medo da aniquilação ou loucura? Ou será a consciência de minha própria fraqueza, um alcovite para meu self por conta de não estar realmente preparado para me lançar no Abismo, uma vez que, em lugar disso, volto à consciência normal e tento me fazer acreditar que tive de “abrir mão” ou que “não posso fazê-lo” pelo bem dos “outros” que não vivem aquele momento (em relação a mim)? É certamente difícil lidar com isso, mas acrescento isso para tentar formular claramente a proposição. Agora, uma dúvida penetra em minha mente: a de que eu esteja anotando isso visando a parecer honesto para Fra. P.A., ou a qualquer outro que possa ler esse relatório. NÃO.. O pensamento mencionado parece ter um paralelo em J.S.J. Novamente, na página 96, lê-se: “Devo atingir, ou... o fim de João São João”, que parece similar ao estado obtido em 5 de setembro de 1910, quando me obriguei a perguntar o último POR QUÊ? e logo em seguida entrei em um estado de Paz. Na página 133 ele diz que “Sutilmente, então, de modo fácil, simples e de forma imperceptivelmente escorregadia, passei para dentro do nada ... senti o

tremor interior se arder em um Beijo ... Também me foi permitido aproveitar interiormente a Presença sutil de meu Senhor, durante todo esse décimo segundo dia ... Contudo, Ele se retirou ... ainda que deixando um indizível conforto, uma Paz ... a Paz". Sim, a Paz também ficou comigo, mas algumas vezes não pude me conectar com Ele, ou falhei em fazê-lo, tendo sido levado por Maya. Assim, vem a anotação do Décimo Terceiro Dia. "Entrei em Silêncio; que eu permaneça em Silêncio. Amém". E aqui estou eu, desconcertado. Ou J.S.J. atingiu permanentemente um tal Estado, de modo que jamais seja novamente perturbado pelo equívoco de se identificar Ele mesmo com o corpo, ou ele não o atingiu⁴. Porém, depois de tudo, o que isso tem a ver com V.I.O.? Certamente, nada tem com J.S.J. Todavia, como é que eu me posiciono? Tal parece ser a situação. Enquanto estou em consciência normal, sei (ou Não) que sempre estou naquele estado em que às vezes entendo o pensamento de que eu não sou eu. Esse é o pensamento original mais claro que expressei esta tarde, e de um modo muito ruim. É claro que estou, de fato, bem contente: é apenas quando começo a pensar e raciocinar a respeito dessas coisas que começo a ficar insatisfeito. Calar-me é uma questão de tempo.

Em 30 de abril, terminaram os três meses prescritos por seu Neófito. Ele escreve: "Sinto que esses meses foram bem usados e que obtive certo controle mais amplo sobre meu corpo e minha mente, mas percebo o quanto é necessário mais à frente ... o $0 \times \infty$. Paz para todos os seres. Amém".

SEÇÃO IV – 30º DE ABRIL DE 1911 A 13º DE OUTUBRO DE 1912

Em seguida, Frater V.I.O. experimentou um estado de "Aridez" que invariavelmente acompanha um sucesso parcial. Em 7 de maio, domingo, ele escreve:

Durante uma semana inteira não fiz sequer uma entrada em meu relatório. Pareço perder o controle de meu diário, que permanece intocado em minha gaveta e está se tornando igual a um demônio horrível. Ele me atormenta quando não escrevo nada nele, exigindo um grande esforço até mesmo para tocá-lo ou abri-lo, enquanto que escrever nele diariamente parece uma tarefa quase sobre-humana. Por que é assim? Fiz os exercícios esta semana, como sempre, embora os tenha feito um pouco mais cedo do que antes, pois tive de estar no escritório por volta das 8h30 em vez das 9h,

⁴ Ele terminou o trabalho sem interferências e voltou ao mundo, conforme indica Liber VII, II, v. 51-53, de modo que concedesse essa bênção a si mesmo.

como de costume. Penso que talvez Fra. P.A. tenha escrito isso para mim. Sinto que ele está me testando e tenho tentado manter essa ideia. Sei que isso realmente não importa, mas, como ainda estou fraco, gostaria de um pouco de apoio amigável e algumas palavras de conselho. Sinto-me como se tivesse abandonado meu diário completamente por um tempo; contudo, na verdade talvez a coisa toda seja assim mesmo, tão difícil! Oh, Deus, certamente estou sob o encanto da "aridez". Porém, bem lentamente, prossegurei trabalhando nele, ele, NELE, e dentro dele, Dentro, DENTRO. Oh, por um beijo, ou por uma imitação de um beijo, Meu Senhor Adonai. Sinto saudades de Vós, estou Sedento por Vós. Que eu seja totalmente consumido em Vós! Amém.

Sábado, 10 de julho de 1911. À noite, preciso escrever algo. EU PRECISO. Esse é o momento. Por que não fiz isso antes? Porque experimentei a "aridez" ao longo do último mês e não fiz qualquer esforço definitivo para superá-la, mas apenas mantive o pequeno átomo do real Conhecimento que obtive &, voltando minha face em direção ao Leste, lentamente prossegui nessa existência material e no ofício que tomei para mim. Tenho experimentado uma incessante nostalgia daquele "Algo" ou "Nada" cujo vislumbre foi a mim concedido, e *Esperado*. Talvez eu devesse ter *Trabalhado e esperado*, mas não o fiz. Ainda não tenho notícias de Frater P.A., mas novamente lhe escrevi durante esse mês, dizendo que quero fazer alguma coisa para auxiliar um pouco os outros, e perguntando se ele poderia usar um pouco de seu tempo livre para me aconselhar a respeito disso. Recebi hoje o *The Equinox* encomendado em abril passado. Ele foi enviado por um irmão do Clube que o esteve guardando lá por um mês, enquanto aqui eu o estava esperando e ansiando por sua chegada. Então, quando a esperança estava prestes a morrer, obtive um sinal dele. E o livro chegou como uma bebida de doce néctar chega a um sedento peregrino, e é maravilhoso o quanto eu me sinto bem melhor. A observação novamente a respeito dos Neófitos e Probacionistas deixou-me aliviado quanto ao silêncio de Fra. P.A; e confirma minhas suspeitas de que o atraso em me responder seja um teste. Essa constatação é encorajadora, apesar de ter sido um desafio muito difícil, na medida em que ajustei minha mente à influência do fato de ele me escrever ou não, e assimilei perfeitamente a ideia de ter de desenvolver meu próprio Caminho, sem encorajamento ou ajuda exterior.

Ele também estava satisfeito em, mais ou menos, ratificar alguns experimentos em Liber HHH, a respeito do qual escreve que:

M.M.M., 2 "menciona a respiração fluindo por sobre a pele, etc.". Experimentei isso, e pedi instruções a Fra P.A. a respeito disso. Algumas vezes, após respirar pesadamente, fui preenchido por essa sensação. Creio que compreendi o "brilho de luz", pelo menos o experimentarei. Meu conhecimento atual nada mais é do que uma réstia da luz do sol. O pequeno

ponto de luz tem frequentemente aparecido para mim, e cheguei à conclusão de que ele deve ser mantido em seu apogeu. Não experimentei o cone radiante. II. A.A.A. É mencionada a ideia de se considerar a própria morte. Isso me ocorreu antes da primeira iluminação; isso serve como confirmação de que eu estava na trilha certa. Sem dúvida, eu deveria ter mencionado essas meditações com mais detalhes na época⁵. Imaginava, com frequência, como eu havia entrado no estado então experimentado, e foi essa edição do *The Equinox* que reativou minha memória e me deu instruções de como obter, indubitavelmente, um resultado bem mais completo, e para isso devo apenas trabalhar com um grande W.

12 de junho de 1911. a noite de sábado, na cama, tentei “pensar para trás” e com sucesso consegui avaliar dois dias: sem qualquer interrupção no primeiro dia e praticamente nenhuma no dia anterior, exceto por pequenos incidentes pela manhã, durante as horas passadas no escritório. Quando cheguei aos pensamentos ocorridos ao caminhar no sábado pela manhã, quando tive o “vazio”, experimentei algumas visões mentais e “linhas cruzadas”, mas não posso dizer se elas estavam conectadas com algum sonho; então, subitamente, encontrei-me deitado na cama mentalizando os últimos pensamentos da noite passada. Ontem, li cuidadosamente um artigo sobre o tema (*Training of the Mind*), e também aprendi a fórmula das quatro grandes meditações em Amor, Piedade, Felicidade e Indiferença. De noite, tentei novamente “pensar para trás”, mas, como minhas condições eram ruins, tive mais dificuldade. Contudo, uma vez começado, retornei ao domingo e quase totalmente pelos dois dias anteriores; então, sendo tomado por um impulso, esbocei uma tentativa de rever toda a minha vida, de modo resumido e incompleto; embora breve, foi muito mais completa do que eu esperava. De forma bem precisa, mas naturalmente não com todos os detalhes, relembrei de coisas conectadas à minha primeira infância. Então, algo que eu realmente não esperava aconteceu, e apenas julgamentos posteriores provarão se isso era ou não ilusão. Quando arduamente tentava penetrar o vazio, antes de tudo, tive uma repentina e clara sensação de estar deitado na cama com pessoas ao redor; em particular, percebi um ancião vestido em trajes de veludo negro até os joelhos, e senti que ele era meu Tutor, inclinando-se sobre mim. O pensamento que me veio com isso indicava que eu era muito jovem, que tinha alguma doença parecida com tuberculose, que minha família era próspera e que minha casa era uma Residência Campestre. Essas impressões foram bem reais e completamente inesperadas, mas, como eu costumava ter medo de tuberculose ainda quando jovem e a meditação ocorreu enquanto eu descansava, parece que certa imaginação ajudou a compor o resto desse pensamento. Entretanto, menciono isso porque, como experiência, ela foi diferente de qualquer coisa de que eu me recorde.

⁵ Observe como até a menor negligência em escrever o Relatório castiga a si mesma.

8 de julho de 1911. A respeito da noite de 15 dias atrás, recebi uma carta de Fra P.A.⁶, em resposta às minhas duas cartas anteriores. Estava feliz em receber notícias dele, que mandava boas notícias além de algumas novas instruções. Ele queria saber o que eu quis dizer com a afirmação de ter obtido o Samadhi, ou algo muito semelhante, em agosto passado, imediatamente após começar a cortar meu braço, etc. Ainda não lhe respondi, mas como referência digo: (1) Nunca mencionei Samadhi, nem me recorde afirmar tê-lo alcançado. (2) Alcancei um estado de consciência que tem exercido um efeito durável sobre minha vida e que fez meu ponto de vista ficar inteiramente diferente a partir desse momento. (3) A linguagem que usei para descrever esse estado, considerada perfeitamente natural a mim, foi a mais conveniente para descrever um estado diferente de qualquer outra experiência anterior. (4) Eu poderia ter usado uma linguagem de um plano mais alto do que aquele em que eu estava, mas não vejo o porquê disso. (5) Comecei o controle do corpo há alguns meses, quando de certo modo havia perdido completamente a lembrança desse estado, ou, mais propriamente, no momento em que ele era apenas pouco mais do que uma pequena recordação, e também quando, pela primeira vez, vi o retrato do braço de um homem no Equinox no instante em que temi cortar o meu, mas que pensei que fosse melhor executar o exercício e superar o temor corpóreo de um pouco de dor. Desse modo, assim o fiz e não estou arrependido.

Essa carta de Fra P.A. falando de novas práticas, etc., combinada com algum considerável descontentamento por parte de Frater V.I.O. relacionado a seu presente estado, motivaram-no a iniciar outro turno regular de 32 dias de trabalho, depois dos quais ele parece ter feito poucas anotações até 25 de março do ano seguinte, ou seja, 1912. Então, ele experimentou a seção SSS de Liber HHH, do Equinox V, conseguindo obter a rigidez automática. Ele escreve: "(1) O cérebro torna-se carregado com fluido elétrico ou Prana; na verdade, toda a

⁶ Frater P.A. não era um Neófito, mas por razões administrativas foi designado para receber outros Probacionistas. Essa era uma brecha normal dos regulamentos da Ordem, e o resultado foi essa carta cômica. Frater P.A. aparentemente tinha a impressão de que, tão logo o Samadhi acontecesse para alguém, ele faria bocejar seu "Nunc dimittis".

Esse incidente deveria ser um alerta, para todos aqueles com autoridade, de que não é sábio modificar as estritas instruções da Ordem, embora obviamente possa parecer vantagem fazê-lo.

A presunção de Frater P.A. em tentar treinar Frater V.I.O. no lugar de induzi-lo à percepção de seu próprio objetivo maior simplesmente causou sua saída da Ordem, deixando para si mesmo apenas um memorial desse episódio ridículo, em que ele aparece como um pequeno garoto fisgado por um camurupim enquanto pescava um bagre.

Se ele tivesse aceitado as regras da Ordem, tomando conta apenas de seus próprios negócios, e encaminhado o relatório de Frater V.I.O. a seus superiores, que eram competentes para interpretá-lo, jamais teríamos esse excelente exemplo do resultado da presunção e da tolice, para nos guiarmos no futuro e para alentar, com um toque de oportuna felicidade, nossa compenetrada leitura do relato de nosso consciencioso V.I.O.

face e as mãos se tornaram como se conectadas com uma bateria elétrica, também o cérebro parecia luminoso, embora vazio. (2) Não pude despertar a espinha a partir da yoni; porém, após persistir, a parte imediatamente abaixo das costas se tornou vivificada, então, abaixo das costelas, depois no peito, na nuca e no pescoço. A corrente tornou-se muito forte, quase insuportável. Todo o corpo se tornou perfeita e automaticamente rígido. Senti que as mãos pareciam retorcidas e deformadas, contorcidas pela força que nelas incidia (noto isso como um efeito colateral). Os pés também se tornaram cheios de vida, etc., etc.". Em 1910, ele já havia tido alguma experiência com as Correntes Pránicas em seu corpo, mas nunca tão intensamente e tão completamente quanto essa. Depois, ele relatou isso a Fra P.A., bem como relatou seu progresso, de modo geral.

Em julho, recebeu nova carta de Fra P.A., dizendo que ele, Frater V.I.O., tinha alcançado o estágio em que poderia realizar uma Operação para a Invocação de Adonai⁷, o que exige seis semanas de trabalho, sendo que os últimos 12 dias devem ser passados em completo Retiro. Num primeiro momento, Frater V.I.O. não enxergaria qualquer possibilidade de realizá-la, devido a (1) negócios da família, (2) trabalho no escritório, (3) falta de dinheiro. Entretanto, apesar dos obstáculos aparentes, ele se determinou a seguir em frente, começando com os trabalhos pontualmente à meia-noite do dia 31 de agosto. Desse momento até 18 de setembro, ele esteve ocupado com o trabalho Preparatório e, a partir da meia-noite de 18 de setembro até 30 de setembro, realizou a Seção de Purificação. De 1º a 12 de outubro, fez o Retiro Adequado e, em 12 de outubro, a Invocação do Santo Anjo Guardião. Tudo isso significou um grande volume de trabalho e problemas, além do ganho de muitas novas experiências, embora tenha sido um completo fracasso. De qualquer modo, foi mais um Passo no Caminho. Durante seu Retiro, ele preparou um Bastão, não como Símbolo de sua vontade, mas como Símbolo da Vontade de Adonai em si. Nem mesmo seria correto dizer que esse seu Retiro Mágico não produziu resultados, embora ele possa não ter produzido o Resultado Desejado. Quando um homem faz 671 anotações em seu Relatório Mágico (como o fez Frater V.I.O. durante essas seis semanas) e cada uma dessas anotações tem uma influência direta no assunto em questão, é muito provável que ele entre em um estado mental de certo modo diferente da consciência normal. (É interessante observar

⁷ Homem algum tem o direito de fazer sequer a mínima sugestão para outro a respeito de quando ele deveria ou não realizar essa Operação crítica e central. Interferir, de qualquer modo, entre um homem e seu Santo Anjo Guardião é a presunção mais intolerável. O.M.

que 671, por uma curiosa coincidência, é a numeração de Adonai, soletrado em cheio, a ideia Central da Invocação).

Não devemos entrar em detalhes a respeito das várias práticas que ele realizou durante esse período, mas podemos mencionar, visando a uma completude, alguns pequenos fragmentos anotados durante os últimos dias do Retiro.

9 de outubro. 21h06. (Esse foi o nono dia da Seção C, e o 39º dia de toda a Operação.)

Está ficando cada vez mais difícil descrever o “estado”; na verdade, não sei o que fazer dele. Poderia quase dizer que me sinto “normal”; mesmo que ainda exista uma sutil diferença. Existe (eu acho) uma ausência completa de medo, preocupação, desgosto, alegria, tristeza, dor ou quaisquer outros estados antigos, e isso me parece uma condição de observação calma sem qualquer desejo de criticar qualquer coisa. Suponho, como trivial, que seja um estado de equilíbrio. Penso que o atingi. É um santuário vazio aguardando para ser habitado por Deus.

22h. Agora mesmo experimentei outro estado peculiar. Com meus olhos fechados por alguns instantes (concentração), imaginei que poderia retroceder e tentar pensar a respeito de algumas coisas que tenho feito; contudo, à medida que tentava, não consegui sequer pensar a respeito das coisas que havia feito no instante anterior. Tudo era uma “peculiar experiência do presente”, e não havia escapatória disso. A concentração agia exatamente como um ímã e se tornava automática. Novamente, ao tentar recordar os momentos anteriores a esse retiro, era como um “estado de consciência Singular”, e não como uma coleção de eventos. Eu realmente deveria ler agora o meu diário caso quisesse conhecer quaisquer detalhes que vieram a partir daí.

Ao final do décimo dia dessa Seção “C” e no começo do 11º dia, creio que ocorreu o verdadeiro clímax da Operação, uma vez que ele escreve que:

11 de outubro. 0h30. Assim começou este dia, e fiquei de joelhos em frente ao altar, da meia-noite até a 0h28. Durante esse tempo, meu Senhor começou a se manifestar dentro de mim, de modo que meu ser foi completamente envolvido em inefável bem-aventurança. E meu corpo foi preenchido com o arrebatamento de Sua vinda até que o grito explodiu em meus lábios: “Meu Senhor e meu Deus”. Não há palavras para Vos descrever, meu Amado, apesar de ainda tremer com o gozo de Vossa presença, e mesmo que sinta que tudo isso nada mais é senão o reflexo de Vós. Ó Deus, envolvi-me por completo, mesmo para além dessa Bem-

aventurança. Que eu seja completamente consumido em Vossa Essência.
Amém.

Todavia, no dia 12 de outubro, quando de fato ele usou sua Invocação (preparada e ilustrada durante seu retiro) e quando o Resultado esperado poderia acontecer, ele escreve:

Precisamente às 18h50, entrei no Templo, queimei o incenso e me paramentei. Tudo estava em ordem, ajoelhei-me, orei e às 19h me levantei e executei o Ritual do Banimento do Pentagrama e, então, com o ritual em minha mão esquerda e elevando a baqueta com minha mão direita, li, de modo lento e claro, o Juramento e a Invocação. Logo em seguida, fui levado a fazer certo Sinal com a baqueta. E a Palavra que veio a mim era... Ajoelhando-me, senti-me bastante calmo e esperei... Em seguida, conforme meu entendimento, desliguei a luz, deixando apenas a chama da lâmpada do óleo de oliva, deitei-me sobre o local preparado e esperei ... e tudo estava bem escuro e tranquilo, com um sentimento de absoluta calma e controle, e eu esperei ... E nada aconteceu. Então, embora continuasse esperando, algo pareceu dizer-me que levantasse e novamente fosse me ajoelhar ao altar; assim, quase imediatamente me levantei e fiquei diante do altar, e senti que “eu sou o que eu sou”; mas dessa vez não havia muito prazer nesse pensamento, de forma que, mesmo sabendo que havia feito de tudo, até os mínimos detalhes, apesar de ter dado o melhor de meu entendimento e habilidade ... começou a ficar claro que eu tinha falhado; porém, eu não sabia nem onde nem como.

Não estava ofuscado com a ilusão de sucesso, havia superado o temor de falhar, e agora, ainda que como um guerreiro cansado, voltarei para o mundo e – LUTAREI.

No dia Seguinte. Caos. A razão é completamente inadequada para resolver o problema. Segue aqui certa passagem de Ezequiel:

“Filho do homem, eis que, de um golpe, tirarei o desejo dos teus olhos; mas não lamentarás, nem chorarás, nem te correrão as lágrimas. Geme em silêncio, não faças luto por mortos; ata sobre ti o turbante de tua cabeça, e põe nos pés teus sapatos, e não cubras teus lábios, e não comas o pão dos homens. Assim eu falei ao povo pela manhã, e à tarde morreu minha mulher; fiz pela manhã como me foi mandado. E o povo me disse: Porventura não nos revelarás o que significam para nós essas coisas que estás fazendo? Então eu lhes disse: Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Diz à casa de Israel: Assim falou o Senhor Deus ... Ezequiel é para vós um sinal; fareis conforme tudo quanto ele tem feito; quando isso suceder, sabereis que sou o Senhor. E também, filho do homem, isso não se dará no dia que eu tirar-lhes a força, a alegria de sua glória, o desejo dos seus olhos, e aquilo em que estiver sua mente ... esse dia, abrir-se-á tua boca

... e falarás... e virás a ser para eles um sinal, e saberão que eu sou o Senhor".
Amém.

Uma última observação: a VERDADE deve sempre ser Uma. Seja o que for que eu esperava, não o encontrei. Contudo, por que eu deveria me enlutar por ter exposto algumas de minhas ilusões? Mantive a verdade, e a Verdade permanecerá, pois a Verdade é sempre Uma, sim, a Verdade é Sempre uma. Amém.

SEÇÃO V – 1º DE JANEIRO DE 1913 A 31º DE DEZEMBRO DE 1913

Agora, devemos passar para o diário de Fra. V.I.O. para o ano de 1913 E.V. Não encontro qualquer anotação do período entre 13 de outubro de 1912, quando ele terminou o retiro, e 2 de março de 1913, quando novamente começou a manter regularmente um resumo de seu trabalho. Nessa data, ele escreve:

Durante os últimos dias, alguns eventos importantes ocorreram. Entretanto, primeiro devo mencionar que não tive qualquer notícia de Frater P.A. desde meu retiro, exceto por um cartão-postal em que ele diz ter recebido meu relatório. No dia ... recebi uma carta vinda de Londres, datada de 10 de janeiro, do Chanceler da A:A:, perguntando-me a respeito dos resultados de meu trabalho desde que me tornei um Probacionista. Respondi à mesma em 26 de janeiro e fui surpreendido, além de ficar muito satisfeito, em 26 de fevereiro, ao receber uma resposta em que me passavam para o Grau de Neófito, provendo-me dos documentos necessários para tal. Respondi à carta em 28 de fevereiro.

Essa carta do Chanceler da A:A:, passando Frater V.I.O. para o Grau de Neófito, continha as seguintes palavras, importantes à luz dos eventos posteriores:

"Desejamos que nosso Corpo seja um Corpo de Serventes da Humanidade. Chegará o tempo em que você obterá a experiência do 14º Aethyr. Você se tornará um Mestre do Templo. Essa experiência deve ser seguida pela do 13º Aethyr, em que o Mestre, abandonando inteiramente todas as ideias de conquistas pessoais, ocupar-se-á exclusivamente em cuidar de outros".

De muitos modos, 1913 foi um ano importante para Frater V.I.O., especialmente em um ponto: foi durante esse período que ele foi forçado a

permanecer sozinho, contando apenas consigo e com seu julgamento, tanto a respeito do que seria o correto curso de ação para o controle de sua vida quanto para solucionar as dificuldades de sua família, e também em relação às questões ocultistas. Até então, como assinalado antes, ele estava sob orientação de alguém que considerava como sendo seu Neófito, alguém em quem havia depositado a mais alta confiança. Agora, ele se encontrava em uma das situações mais difíceis com as quais teve de lidar, ou seja, quando devia escolher entre continuar com aquela orientação ou seguir o curso regular de treinamento, delineado na Ordem Externa da A·:A·:. Ou ele desistia do grau de Neófito que acabara de lhe ser conferido, afastando-se da Ordem Externa, ou parava completamente de trabalhar sob orientação de Frater P.A. As razões para isso não podem ser aqui inteiramente tratadas, nem seriam de interesse para nossos leitores, de modo que é suficiente dizer que Frater V.I.O. obrigou-se a trabalhar por seis meses em certas linhas de ação que já haviam sido estabelecidas por Frater P.A. Então, sua responsabilidade estava perfeitamente clara, de modo que ele praticamente se afastou tanto da orientação de seu antigo Neófito quanto do novo Zelator que lhe havia sido indicado, obrigando-se a trabalhar até terminar aquele período, de forma rigorosa e bem feita. Depois, aqueles que orientavam e dirigiam sua vida lhe mostraram claramente o caminho, de modo que ele se encontrou na posição de aceitar a instrução da A·:A·:, sob direta orientação de Frater O.M. Não se deve considerar que esse fato tivesse qualquer relação com Frater P.A., por quem Frater V.I.O. sempre sentiu e sentirá grande amor e respeito; as circunstâncias que o levaram a essa mudança eram exteriores às esferas de influência de Frater V.I.O. e mais difíceis de ser julgadas em razão de seu isolamento no Canadá. Com essa breve alusão à mudança de seus afazeres ocultistas, podemos passar para a correspondente mudança em suas cercanias materiais, pois, apesar de continuar com seu escritório normal, ele viveu a maior parte do ano sob uma lona, em uma pequena tenda perto da costa, o que fez com que fosse necessário caminhar diariamente algumas milhas e também com que, durante certo tempo, estivesse bem mais perto do que antes da Natureza. Além disso, a chegada de um “pequeno estranho” à sua família teve um marcante efeito em seus afazeres domésticos, pois era como se fosse uma chave para a solução de certos problemas que o haviam perturbado.

Durante o período de 2 de março a 4 de setembro, quando poderíamos dizer que ele esteve trabalhando sozinho, seu relatório mostra cerca de 340 práticas de Meditação, a maioria delas no Asana conhecido como o Dragão,

sendo que os períodos de prática variavam entre alguns poucos minutos e pouco mais que uma hora; a maioria delas era, entretanto, comparativamente breve, e a média talvez fosse de 20 minutos.

Depois disso, há uma lacuna, durante a qual na maioria dos dias ele trabalhou pela manhã e pela tarde, embora não tenha registrado nada até 9 de novembro; mas, a partir desse dia até 31 de dezembro, cerca de oito práticas foram registradas.

Não é necessário tratar inteiramente dos detalhes desse breve trabalho, mas apenas dizer que, no final do ano, seu registro foi enviado para Frater O.M., que o devolveu com várias observações e comentários da mais alta contribuição e valor para Fra. V.I.O. Selecionei mais abaixo algumas dessas passagens assim comentadas, pois elas certamente também são de interesse e auxiliarão a outros estudantes. Os comentários de Fra. O.M. (entre parênteses) vêm após as anotações.

2 de março de 1913. Desde meu retiro, fiquei tão entusiasmado com o serviço que queria assumir o novo Mote “Eu aspiro a servir”, mas não encontrei nada equivalente em Latim.

(Poderia ser “Volo servare”. Porém, uma ideia melhor do que “servir” é “eu quero ajudar”. O.M.)

22 de março. Sinto-me aborrecido, pois, por pura negligência, não fiz o exercício desta manhã.

(Quando você detectar negligência, duplique o exercício, mesmo que o mate. É cura certa! O.M.)

25 de março. Asana do Dragão. Mantra A.M.P.H. das 21h39 às 22h34, = 55 minutos, de 14 a 18 Quebras, a maioria delas bem rápida. Nenhuma interrupção. Resultados: Dharana, tive aquela sensação sobre a pele e rigidez automática. a maioria do tempo perdi a personalidade, mas percebi isso apenas por meio da “quebra”, que a revivia. O cérebro manteve o mantra automaticamente. Iluminação no cérebro após algum tempo. Próximo ao fim da prática, tive algumas visões do mar, etc. (bem rapidamente). Espaço e tempo aniquilados durante a maior parte da prática. Bom.

(Começo bom – final ruim. OM.)

30 de março, das 17h 15 às 17h46 = 31 minutos. contei as sete primeiras quebras, então fiquei concentrado e perdi a contagem. Interrupções. (1) um alfinete, caindo no chão, me assustou violentamente; (2)

R chamou-me. Resultados: A respiração pairava sobre a pele e a “luz” surgiu. Comecei a me concentrar na espinha. Próximo ao final da prática, uma espécie de canto com palavras aparentemente sem sentido. Havia percebido antes que, quando isso ocorre, induz a certo tipo de êxtase. Tive de deixá-lo de lado, pois Ruby me chamou para tomar chá.

(Bom, mas uma mulher virtuosa está além de Rubis, e nunca chama homens santos para o chá. O.M.)

4 de abril. Controle do Corpo. Enquanto estive no escritório, mantive por três horas o apoio sobre o cotovelo esquerdo. Desejava ver se isso seria bem fácil e não encontrei qualquer dificuldade em permanecer assim.

(Bom: tente alguma coisa mais difícil. O.M.)

6 de abril, das 21h20 às 22h. Dragão. Essa meditação foi melhor que as anteriores. Senti rapidamente o Prana dominando o corpo. Concebi a negritude da Compreensão sendo penetrada pela Sabedoria. O cérebro tornou-se luminoso. O corpo rígido. A tensão passou, e a força ficou concentrada no topo do nariz. Concentrei-me no Ajna. A personalidade se foi. Tentei projetar para a frente a consciência. Fui abruptamente interrompido por R, que estava ao meu lado, na cama. Por um momento, dificilmente podia saber quem eu era e tive de me concentrar em meu corpo para voltar ao normal.

(Ter alguém no quarto é um grande obstáculo. O.M.)

8 de abril, das 21h25 às 22h11 = 46 minutos. Dragão. Apenas a mente e o vidente permanecem. Deixando o vidente para trás, apareceram intervalos de vazio. Isso não era acompanhado nem por iluminação ou gozo, e quase se pode pensar por que razão alguém seguiria tão longe para obter só isso. É provável que seja um desejo não inteiramente obliterado. Alguma aversão por sair desse estado.

(Isso soa melhor. O.M.)

13 de abril, das 23h21 às 23h36. Dragão. Uma certa bem-aventurança surgiu do pensamento de que eu nada mais era senão uma pequena criança do Grande Pai. Gozo. Gozo.

(Sim: muito emocionante. O.M.)

19 de abril, das 7h07 às 7h20. Nada muito definitivo. Há certa qualidade de bem-aventurança nessas práticas, que é peculiar para a concentração, mas, afora isso, é indescritível.

(Isso é ruim. Você faz corretamente as coisas e trabalha duro; mas seu ponto de vista é completamente errado. Sinto um tipo de sentimentalidade prejudicando sua atitude científica. O.M.)

20 de abril, das 14h40 às 15h 10. Deixei minha casa aproximadamente às 14h 15 e escalei a montanha até que encontrei um local isolado; ali me ajoelhei e fiz um exercício respiratório. Invoquei Adonai e tentei me unir a Ele. Uma luz branca e brilhante encheu a esfera da consciência. Ergui-me como Adonai e realizei o Ritual do Pentagrama, e então orei em voz alta e fluente, tentando unir minha consciência com toda a Natureza. Novamente, ajoelhei-me em Meditação, levantei-me bastante fortalecido e com uma sensação da Presença Divina.

(Isso é excelente para um principiante. Contudo, lembre-se: todas essas iluminações divinas são meras Quebras. O.M.)

Nota: o dia seguinte, encontro mais e mais dificuldade em relembrar quaisquer detalhes dessas práticas. A concentração estava boa. Nessa ocasião, ao final da prática não pude me lembrar a que horas eu havia começado, embora acredite que esteja correto. Ultimamente, tenho pensado várias vezes a respeito dessa perda de memória. Será que significa um bom resultado ou uma falha?

(Como regra, é um bom sinal. O.M.)

9 de maio, das 22h21 às 22h43. Dragão. Viagem astral sem qualquer importância. Não pude me identificar adequadamente com a imagem. Pareceu-me ver a imagem enquanto a representava.

(Isso não é tão ruim quanto parece. Não se preocupe, desde que a Imagem esteja perfeitamente segura de si mesma. O.M.)

21 de maio, das 20h45 às 21h34 = 49 minutos. Polegares nos ouvidos, primeiros 25 minutos na posição do Dragão. Então, deitei-me no chão. Câimbra no pé esquerdo ao mudar de posição. Depois que os barulhos diminuíram, tornei-me concentrado no som que havia no ouvido esquerdo. A mente tornou-se mais calma, e escutei o som de um pequeno sino de prata batendo algumas vezes, bem claro e melodioso. Ainda no ouvido esquerdo. Então, ouvi o som de uma batida metálica (se é que posso usar esse termo) bem fraca no ouvido direito. A mente deve ter estado muito concentrada, uma vez que o tempo passou rapidamente.

(Sons particularmente bons. OM.)

7 de junho. Observação: Esta tarde, reclinado em uma cadeira confortável, quase adormeci; contudo, em vez disso, concentrei-me por alguns instantes. Ao ser chamado por R para ir fazer alguma coisa para ela, antes de me levantar coloquei minhas mãos sobre os olhos e vi uma luz tão peculiar que merece ser mencionada. Tinha aparência de ser três coisas distintas de uma só vez. Absolutamente escura, um belo céu azul noturno, mas ao mesmo tempo a sua essência era de luz brilhante. Totalmente indescritível em palavras.

(parece-me muito bom. OM.)

Deve-se notar que Fra. V.I.O, ao se ocupar com a contemplação da Estela da Revelação, tenha completado o Pentáculo de Nuit e que tenha, do mesmo modo, obtido um sigilo para o mesmo durante esse dia.

(Essa luz peculiar é um estigma característico da Estela. OM.)

18 de junho, das 22h34 às 22h53 = 19 minutos. Catorze minutos de Pranayama 10-20-20. Regular e confortável. Cinco minutos de Meditação. Clareei a mente, tornando-me calmo. Isso talvez dê a entender que foi feito um pequeno progresso e que exista alguma negligência relacionada apenas aos exercícios. A verdade é: cada vez mais uso a essência verdadeira. Caso ocorra uma pequena preocupação, automaticamente, volto-me para Aquilo dentro do qual a preocupação se dissolve e o equilíbrio se restaura. Isso é o NADA com o qual estou unido durante a meditação, embora eu reconheça o fato de que Isso esteja sempre presente. Acredito que seja a verdadeira Pedra da Sabedoria que transforma tudo em ouro. Chamo-a Adonai quando me preocupo em dar-lhe um nome. Cada vez mais a mente escorrega para dentro desse estado, sem razão ou argumentação.

(Sim: aparentemente mais tempo deveria ser dedicado à Obra. Porém, o Progresso não é de todo ruim. Contudo, não gosto do sentimento complacente. I ada substitui o trabalho duro. Certa pessoa que conheço [ou que não conheço] na verdade nunca trabalhou mais pesadamente do que agora. Vinte e quatro Cerimônias Mágicas nas cinco primeiras semanas de 1914 e cerca de duas horas a cada manhã escrevendo seus relatórios. E nisso, por favor, inclua dois ataques de gripe e bronquite! O L)

9 de julho, das 7h20 às 7h24. Dragão. Absolutamente péssimo. Tentei executar a prática do lado de fora, na chuva, pois não há quarto na tenda. Observação: – Homem, esposa e bebê juntos, com todos os pertences mundanos de cada um, em uma tenda de 12' x 10', em uma tempo chuvoso, certamente é um recorde.

(Uma vez estive em uma tenda de 7'6" x 6' com cinco homens grandes, durante uma tempestade de neve em uma montanha de gelo. Porém, você vence. O.M.)

8 de agosto. Observação. Começo novamente a sentir a vida mais intensa. Essas poucas páginas de Edward Carpenter foram como um jato de água da vida e me reviveram um bocado. Sinto um Gozo secreto esta noite. O inexplicável Gozo interior que transforma tudo e liberta a alma de suas algemas. À noite, tudo me parece tão bom: o trabalho do dia, a presença dos meus dois queridos, de todos os queridos dos quais sou uma parte e a presença de Adonai, dentro e fora. É bom ter vivido para isso.

(Isso é terrível! Você não deve confundir “se sentir bem” com um estado místico. O.M.)

9 de agosto, das 21h59 às 22h26. Durante essa meditação, surgiu certa compreensão mágica segundo a qual ficava fácil interpretar qualquer objeto comum como um símbolo da Obra.

(Um pouco melhor. O.M.)

18 de agosto, das 23h07 às 23h 13. Mesmo seis minutos são difíceis agora. Quando será que a maré voltará novamente?

(As marés são causadas pela atração do Sol e da Lua. O.M.)

19 de agosto, das 19h32 às 19h42. Um leve sentimento de Gozo.

(Gozo chato! O.M.)

25 de agosto, das 13h33 às 22h55. Mudei meu Asana uma vez durante a prática e percebi que poderia mover meu corpo sem afetar qualquer parte minha que estivesse em estado de calma.

(Bom. O.M.)

26 de agosto. Um final de tarde inteiro em casa, pelo qual sou grato. É como se pouco estivesse sendo anotado neste diário e muito permanecesse não dito. Algumas vezes, leva-se muito tempo para se expressar as coisas e os pensamentos, e geralmente as anotações são finalizadas com algum lugar-comum. Creio que, à noite, tentarei um pouco mais do que de costume. Todo esse tempo tenho sido muito lento, obrigando minha mente a uma linha de ação que esteja de acordo com minha aspiração. Dia após dia, prossegui até que esse ciclo de existência se tornasse quase um hábito fixo. Meus momentos de meditação e prática têm definhado até algo bem diminuto, mas, apesar de tudo isso, a ideia principal jamais se tornou obscura. De todas as formas, sinto-me bem mais determinado do que antes, apesar de menos certo a respeito de qualquer objetivo fixo. Sei também que tenho de enfrentar problemas agora ou no futuro, mas aprendi a continuar com o que tenho em mãos, sem hesitar ou me desesperar. Não pareço ter feito muito progresso definitivo, ainda que os sinais me deem o entendimento de que assim deveria ter sido; talvez eu esteja em sintonia maior e assim não perceba tais mudanças vívidas. Este verão, encontrei uma natureza bastante agradável e bela. Passei a amá-La muito mais que anteriormente. Assim, mais uma vez, a tenho dominado um pouco melhor; aprendi mais sobre natação, escalada, caminhada e outros exercícios ao longo das práticas diárias. Tenho feito novos amigos, tenho aprendido com eles e, em retribuição, tenho ensinado a eles. Tudo isso ocorre apesar de minha limitada existência vivendo em uma minúscula tenda e frequentemente não tendo um tostão. O poder de me isolar naquela parte de mim onde há Paz,

livre de qualquer embate, continua comigo. Algo realmente interessante é ser um observador de meus pensamentos e ações e, enquanto isso, permanecer em perfeita tranquilidade – sendo muito raramente perturbado por influências exteriores. Gostaria de mencionar outra coisa importante. Tenho um intenso desejo por mais Amor, uma espécie de desejo insatisfeito por abraçar pessoas, particularmente as mulheres, e algumas vezes coisas da natureza (isso não foi mencionado por sarcasmo), tais como a terra, a grama, etc. Não creio que eu espere e busque o amor dos outros tanto como sinto a necessidade de inteira liberdade para amar sem barreiras ou restrições; contudo, sempre parece haver alguma coisa que me impede, invisível, sem forma, mas de grande força, de modo que abro meus braços (é como se fosse assim), mas não fico satisfeito e, desse modo, volto-me e sigo em direção àquela visão sem forma de Adonai interior. Pode ser que algum dia seja disparada uma centelha que me libertará; & então?

(Certamente, isso soa muito bom. O.M.)

27 de agosto. Por um longo período, experimentei a mais perfeita paz.

1 de setembro. Esse é o último dia dos seis meses.

9 de novembro. Aproximadamente dois meses desde que fiz minha última anotação. Escreverei um pouco sobre os eventos de que me recorde desse período. Praticamente todos os dias fiz algumas práticas leves pela manhã e ao anoitecer. Durante um bom tempo me ocupei em dar as instruções que podia sobre assuntos do ocultismo para aqueles que pediram informações.

S. e L. tornaram-se interessados o suficiente para solicitar Aprendizado, e W. finalmente me escreveu perguntando novamente a respeito da observação do Probacionista.

Finalmente tive notícias de Fra. P.A. e respondi à sua carta.

26 de novembro. Das 23h40 às 23h55. Meditação sobre o Amor. Comecei enviando Amor para as seis direções do espaço (ver “Treinando a Mente”, no Equinox vol. 5). Identifiquei-me com o Amor por meio da exclusão de todas as demais ideias. De fato, é um orvalho que dissolve o pensamento.

(Embora seja perigoso para um principiante. Frequentemente, significa um pouco mais do que a benevolência sentimental de alguém que jantou muito bem. Inunde-se de Amor e ele fluirá harmoniosamente. O.M.)

27 de novembro. Carta do Chanceler da A.:A.:. Fiquei feliz em recebê-la, pois ela esclareceu um ponto que havia muito me incomodava.

Observação: era novamente a respeito da questão sobre viagens astrais, anteriormente mencionada.

(Isso deu nova confiança a Fra. V.I.O., pois logo em seguida vemos anotações sobre esses experimentos. O.M.)

27 de novembro, das 23h06 às 23h28. Viagem Astral. Elevei-me pelos planos. Tentarei recontar em detalhes essa experiência, pois ela de algum modo foi diferente dos meus experimentos anteriores. Depois de orar, imaginei um invólucro astral para o corpo e comecei a me elevar. Tentei ascender pelo Pilar Central. Azul-escuro e, depois, púrpura. Imediatamente, vi meu corpo astral em uma espécie de Templo Quadrado com quatro pilares nos cantos, aberto dos lados e encimado por um teto em cúpula. O centro do Templo, no chão, havia uma depressão circular com água. Alguém me dizia (a respeito da água): “Ela é Tu mesmo” (ou tua mente). Por alguns momentos, nada pude distinguir. Em seguida, apareceu uma estrela no centro da poça d’água, que evidentemente está a refletida no centro do teto pelo buraco circular. Ao olhar para cima, não pude ver a estrela, pois eu permanecia nos degraus em frente ao Templo. Alguém me disse: “Entra na água”. Assim o fiz, ficando coberto até o pescoço. Olhei para cima e pude discernir claramente a estrela. Alguém me disse: “Deves viajar pelo teto até a estrela”. Assim o fiz, e descobri que eu estava sem roupas. Transcorrido certo tempo, aproximei-me da estrela, mas ao fazê-lo girei três vezes ao redor dela até lá chegar. Então, tornei-me consciente de que o corpo havia dado lugar a uma chama única. Ascendi pelo ar como uma chama. Fiquei parcialmente consciente de que a chama estava no coração de algo maior. Tentei continuar subindo, mas tudo se tornou trevas. Retornei e retirei meu paramento. Agradei e fiz anotações em meu diário.

(Como começo, isso é certamente muito bom. Deveria ser repetido com incessante persistência. O tempo que levou me diz que falta mais do que diz o texto. Uma boa “elevação” dura de uma hora e meia a três horas. O.M.)

28 de novembro, das 23h05 às 23h27. Viagem Astral.

Desenhei, com o bastão, à minha frente, um círculo formado no astral (dei três voltas em torno dele). Elevei-me a grande altura. Subitamente, algo como um cordão de luz apareceu à minha volta e caiu, formando uma espiral, sempre girando, em cujo topo eu sentava. Levantei-me dali unicamente para cair de modo não totalmente vertical, para baixo, para baixo, para baixo e para dentro da água. Levantei-me novamente e segui o caminho; depois de um pequeno intervalo, percebi um barco, algo parecido com uma gôndola, que flutuava naquela direção. Era conduzido por um homem de pele negra, velho e enrugado, que, num primeiro momento, me pareceu um indiano. a medida em que eu alcançava o barco e

colocava minha mão em sua lateral, parecia como se o homem fosse me atacar com o remo dele, mas em vez disso ele riu e eu entrei no barco, sentando-me na proa, que era alta e estava coberta por uma espécie de toldo. Imediatamente, surpreendi-me, pois o homem não estava vivo, mas morto. Morte. Então, a corrente nos levou a uma bruma e, por alguns instantes, tudo se tornou branco; as lembranças do barco, do homem e de mim estavam todas perdidas. Quando a bruma começou a se desfazer, percebi que o homem não estava mais ali e que eu mesmo é que conduzia o barco. Saindo da bruma, as águas não mais estavam escuras, mas azuladas, e notei que o dia estava raiando. Aos poucos, assisti ao nascer do Sol e dirigi o barco em sua direção, remando de modo a manter minha face voltada para o Sol. Ele se parecia com um Portal; mas, segundo seu trajeto, logo ia se elevando, e, no momento em que alcançava seu ponto mais alto no céu, percebi mais à frente uma bela cidade. Domas, Minarettes, etc. Ao chegar lá, pela primeira vez notei que eu estava com a pele escura e vestido com uma tanga. Ao desembarcar em terra, fui surpreendido por homens, creio que árabes ou turcos, vestidos à moda oriental. Um homem velho me pegou pela mão, fez sobre ele o sinal do Pentagrama, mas ele sorriu e me disse: “Venha comigo, está tudo certo”, e me levou a uma rua pavimentada com pedras arredondadas, onde se sobressaíam belas casas, até alcançarmos uma mesquita. Entramos nela, e ele me conduziu ao altar, que era preso por suportes que saíam da parede, acima do qual se localizava um belo vitral. Em ambos os lados havia finas colunas e baús do mesmo tipo daqueles usados em teatro. Ajoelhamo-nos diante do altar, ele tomou minha mão e disse: “Eleve sua consciência”. Percebi uma estrela e um crescente sobre mim e, mais ao fundo, uma cruz formulada de modo turvo. Depois disso, o astral pareceu coincidir com o corpo, mas a consciência do astral das cercanias ainda era muito nítida. Continuei a elevar minha consciência e a emitir pensamentos de Amor. Notei ao meu redor inumeráveis linhas de pensamento entrelaçando-se como uma rede, e, quando o pensamento de Amor era emitido, toda a rede cintilava, como se tivesse pequenas partículas de ouro. Continuei nesse pensamento por alguns minutos e, gradualmente, retornei ao normal. Agradei e fiz anotações em meu diário.

(Está muito próximo de sérios apuros, meu jovem e imprudente amigo! Parece que você deve ir acima da atração terrena, caso queira ter boas viagens astrais. Parece papo de catecismo, não sei por quê. Mas já tentei, repetida e continuamente, seguir horizontalmente e para baixo, sempre com o mesmo resultado. As coisas rudes e hostis estão abaixo; os seres puros, acima. A visão é bastante boa pelo que é; e ela é clara e coerente. Porém, não vejo qualquer sinal do método científico na visão direta. Explicarei isso mais à frente, no comentário geral. O.M.)

Nesse momento, Frater V.I.O. aparece estudando Jnana Yoga. Há uma única anotação em 30 de novembro, “TU ÉS AQUILO”, sem qualquer tentativa

de comentário; e, no dia seguinte, “Idem, mas em um grau menor”. No dia 4 de dezembro, encontramos esta anotação:

A leitura de “Jnana Yoga” revive de modo bem claro o estado de Unidade produzido pela prática de Raja Yoga. Há uma nítida compreensão e o sentimento de estar bem próximo da Verdade. N.B.: durante a meditação, a luz acima da cabeça começou a envolver a mente, mas fui perturbado por R., que me chamou para ir para a cama.

(Você deve dizer para R. não lhe chamar para ir para a cama. O simples sentimento de que ela possivelmente possa fazer isso já é suficiente para impedir a concentração. Como regra geral, também é muito ruim dormir com outra pessoa no aposento. O.M.)

5 de dezembro. Cada vez mais a concretização da Verdade. TU ÉS AQUILO. Cheguei à ideia de que, na realidade, existia apenas um “plano”, e não muitos.

6 de dezembro. Ilh22. Novamente, comecei com o Neti, Neti⁸. (Muito próximo, mas não totalmente. VI.O.)

22h45 da noite.

Ó Tu, Sempre presente, Silêncio Eterno, dentro do qual tudo desaparece e emerge revestido em Bem-aventurança. Eu Te invoco.

Ó Tu, Self elusivo de meu self, Tu Todo, onde tudo se dissolve e se torna Teu Ser. Eu Te invoco.

Ó Tu, Existência das Existências, Tu Conhecedor e Conhecimento, onde está o conhecimento de tudo, em vez de perdido. Eu Te invoco.

Ó Tu, Absoluta Bem-aventurança, Tu, Único sem um segundo; Tu, para Quem Tempo e Espaço não mais existem. Eu Te Invoco.

Ó Tu, que, quando penso em Ti, és Deus; que, quando paro de pensar em TI, és meu se!/, que eu me perca em TI.

Ainda assim nunca me perderei, pois Tu És aquele que não é.

Ó, Bem-Amado, vou a Ti quando percebo que através de toda a Eternidade eu jamais me movi.

Ó Tu, a Quem o homem busca através dos sentidos e vê como o mundo.

⁸ "Isso não, isso não!", uma frase hindu usada na prática de se rejeitar todos os pensamentos à medida que eles surgem.

Ó Tu, a Quem o homem busca através da mente e vê como o mundo de pensamento.

Ó Tu, a Quem o homem busca como Tu mesmo e se torna Bem-aventurança Infinita, que não exista pensamento de separação, pois não existe outro. Tu És Aquilo.

Se Te chamo Ponto, Tu gargalhas, dizendo: “Eu sou o Círculo Infinito”.

Se adoro o Círculo, Tu gargalhas, dizendo: “Estou contido no Ponto”.

Apenas se eu clamar por Ti Inteiramente, poderei definir- Te.

Então, quem se importa, Sim ou Não?

Se tento dar nome a Ti eu Te perco, Ó Tu Inominado na

Eternidade, A Quem deverei Te revelar se nunca foste conhecido senão por Ti mesmo?

As palavras certamente são vãs, Ó Tu que estás além do Silêncio. Aum.

(Isso é muito bom. O.M.)

11 de dezembro, das 21h52 às 22h37. Meditação em Asana. Dragão, como de costume.

Fiz algumas respirações longas, enchendo o corpo e a mente com Amor e, então, expelindo-o até que ele fluísse através de mim. Usei o mantra: “O Self é Amor. Eu sou o Self” na primeira parte da prática e, posteriormente, mudei para “O Self é Aquilo, Eu sou o Self”. Olhos parcialmente cerrados, fixos no nariz. Fechei-os completamente na metade da meditação e os voltei em direção ao Ajna. Poucos pensamentos invasores.

Imediatamente, tudo se tornou uma luz brilhante, com a qual me identifiquei.

Percepção da Unidade. Nenhuma dúvida restava que que isso era, na verdade, a União com o Eu Supremo. Assim, novamente surgiu a questão: “E o que será dos Outros quando esse estado mais uma vez cessar?”. Então, uma voz pareceu claramente falar ao cérebro, dizendo: “Enquanto estiveres assim, verdadeiramente unido, tu és um com o Santo Anjo Guardião, que agora fala a ti. Então, não te preocupes mais a respeito da consecução. No futuro será tua tarefa ver que não apenas alcançaste uma parte, mas que as demais partes, aquelas que são chamadas de “outros” pela consciência comum, também percebem a Unidade”. N.B. Essas não são as

palavras e não expressam de modo apropriado o significado. A própria experiência está bem mais na natureza da percepção do que em qualquer linguagem.

(Não é ruim, de forma alguma. O.M.)

12 de dezembro. De noite, enquanto caminho, penso que às vezes, se pudesse encontrar o sujeito correto, seria muito bom encarregá-lo de registrar para mim uma dessas experiências, tal como a da última noite, enquanto elas acontecem; (1) contanto que eu falasse sem alterar meu estado de consciência; (2) contanto que eu encontrasse a pessoa certa.

(Não é uma boa ideia. O.M.)

15 de dezembro, das 11h50 às 12h09. Viagem Astral.

Logo na primeira tentativa de me projetar no astral, rumei para a direção E (Ruim. O.M.) e então fiz uma curva para o Norte, mas logo voltei e novamente permaneci no estado normal. Segunda tentativa: envolvi o corpo astral em um ovo de luz e parti rumo ao alto. O ovo abriu-se e eu abri meus olhos no espaço. Vi acima de mim um objeto brilhante, de forma oblonga, como se fosse uma pipa de papel, e rumei em sua direção. Apoiando-me por cima dela, tratei de manter-me a certa distância, e, durante esse tempo, presenciei a mudança da paisagem que estava mais abaixo. Desejando descer, caí em direção à terra e vi o corpo sendo ajudado por alguém. Ao me aproximar do solo, deslizei sobre a terra e, finalmente, cheguei a um portão ou túnel bem escuro. Andei nessa direção e prossegui pelo caminho que era clareado por uma estrela de prata que estava sobre minha frente, até que cheguei a um aposento circular, iluminado por uma vela sobre uma mesa redonda, à qual se sentava um velho de barbas brancas, que escrevia em um livro. Aproximei-me dele e disse: “Por que escreves, Pai?”, e ele respondeu que “Aqueles que leem poderão viver” (acho que fiz outra pergunta para ele, mas não me recordo qual). Então, eu disse: “Por que escreves, Pai?”, e ele respondeu: “Morte, sempre a Morte”. E eu disse: “Mostre-me tua escritura, Pai”; e vi que ele havia escrito a palavra HARTHA. Disse-lhe: “Isso é um mistério para mim”. Ele apontou para cada uma das letras, e eu, sem qualquer sucesso, tentei interpretar a palavra de forma cabalística. Parece-me que o valor das letras soma 507. Ele me disse que eu deveria entender, e, depois disso, deixei-o e retornei.

20h, 16 de dezembro. Há pouco estive desenvolvendo o significado da palavra obtida na noite passada. Na ocasião, pensei que o valor fosse 507, “Aquilo que causa tumulto”, ou 5 mais 7 = 12, Aquele que sente saudades de, ou sente falta de, etc. Isso demonstra o quanto estive fora do caminho. Entretanto, acho que, na verdade, a palavra soma 607 = Adão Primevo. Porém, 6 mais 7 = 13, Unidade, Amor, e o Trunfo do Tarô é a FORTE, e isso é

o que o homem disse que estava escrevendo. (Nota: 21 de abril de 1917. Ha = O Sol, tha = A Lua, como declarado no Hatha-Yoga Pradipika.93)

(Bem desenvolvido e bom método; mas não muito em relação ao local atingido. Você também deveria ter tirado mais do livro. O.M.)

18 de dezembro. Observação. Existe algo que eu tinha a intenção de mencionar antes. Ao invés de dormir profundamente, como era meu hábito anterior, tenho ultimamente percebido uma absoluta mudança a esse respeito. Algumas vezes, apesar de estar dormindo, mantenho a consciência durante a maior parte da noite. Nesse estado, aparentemente penso do mesmo modo como faço no estado desperto da consciência normal. Pela manhã, tenho a habilidade de passar facilmente de um estado para outro, mas, ao deixar a cama e tornar-me completamente acordado, raramente posso me lembrar de quaisquer particularidades daquilo que ocorreu durante o sono.

(Isso parece bom, como se os Tamo-Guna estivessem se rompendo. O.M.)

19 de dezembro, 23h38. Oração e Meditação. Senti-me “informado” pelo Supremo Se!! de que a Humildade, a Paciência e a Abnegação trariam a condição exigida. Por algum tempo, morarei naqueles Limites do Silêncio sobre o qual as palavras nada podem expressar.

(Humildade, assim como Orgulho, implica um ego. O.M.)

26 de dezembro, das 23h03 às 23h20. Meditação. Gradualmente separei o Self do corpo, da mente, da vida, da morte, etc., até que resultasse em um estado inteiramente impessoal.

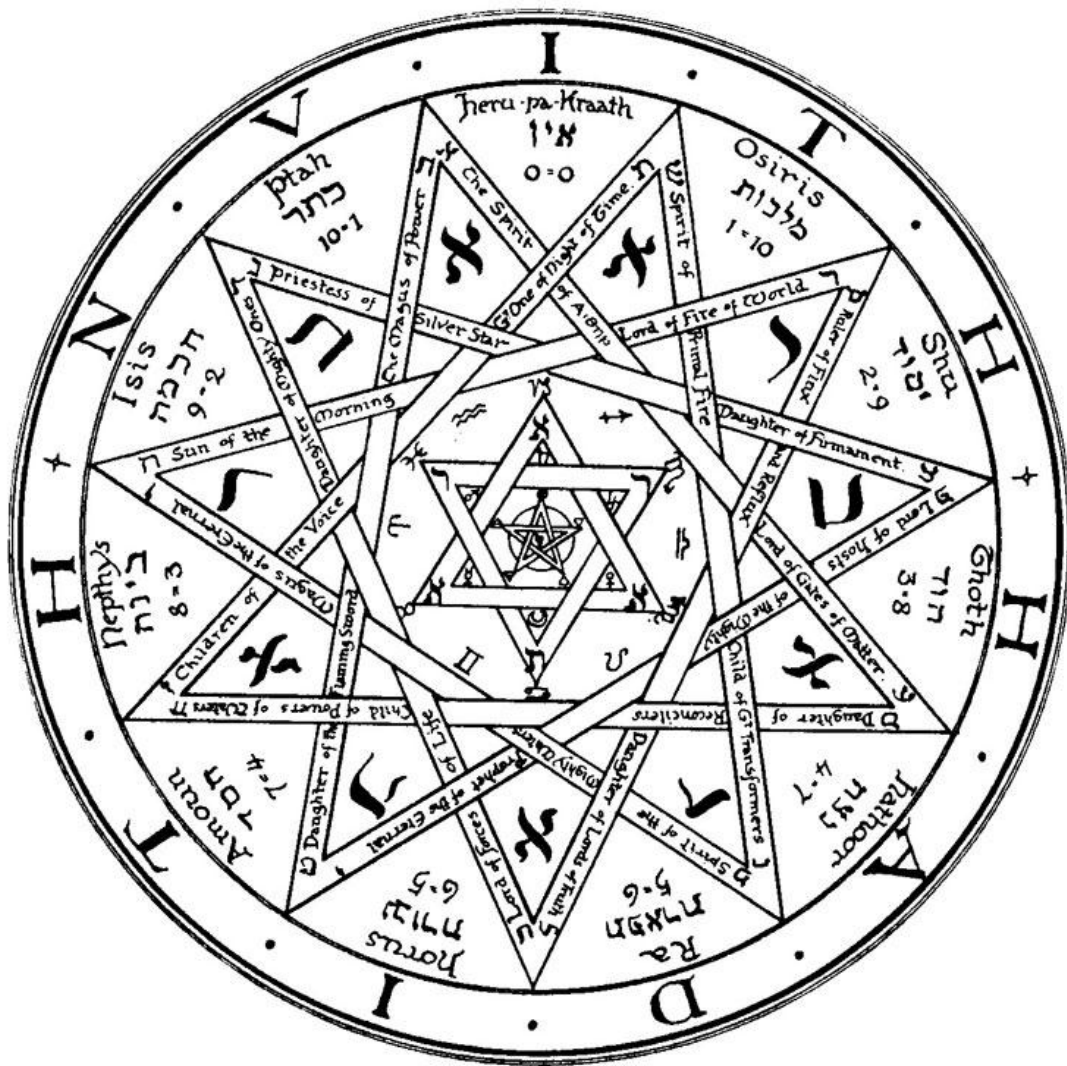
(Essas coisas não significam muito, como regra. Elas são apenas o que chamamos de “devaneio”, uma doce divagação da mente. O.M.)

27 de dezembro, das 23h 13 às 23h30. Meditação. Após me empenhar para unir completamente a consciência com Adonai, a esfera da Consciência ampliou-se e tornou-se uma com os Muitos; de modo que, quando questionada pelo Se!! “O que sou? Quem sou?”, essas questões não mais pareciam ser individuais, mas levantadas pelas muitas unidades em todas as partes do espaço, ainda que estivessem em um plano sem forma. Elevei-me mais alto e tentei unificá-las, o que resultou em um estado absolutamente impessoal que durou até, aproximadamente, a meia-noite, mesmo após a meditação ter terminado. Enquanto esse estado durou, principalmente a primeira parte dele, foi algo bastante diferente de qualquer outra experiência anterior.

(Não é muito bom; parece demais com pensamento. O.M.)

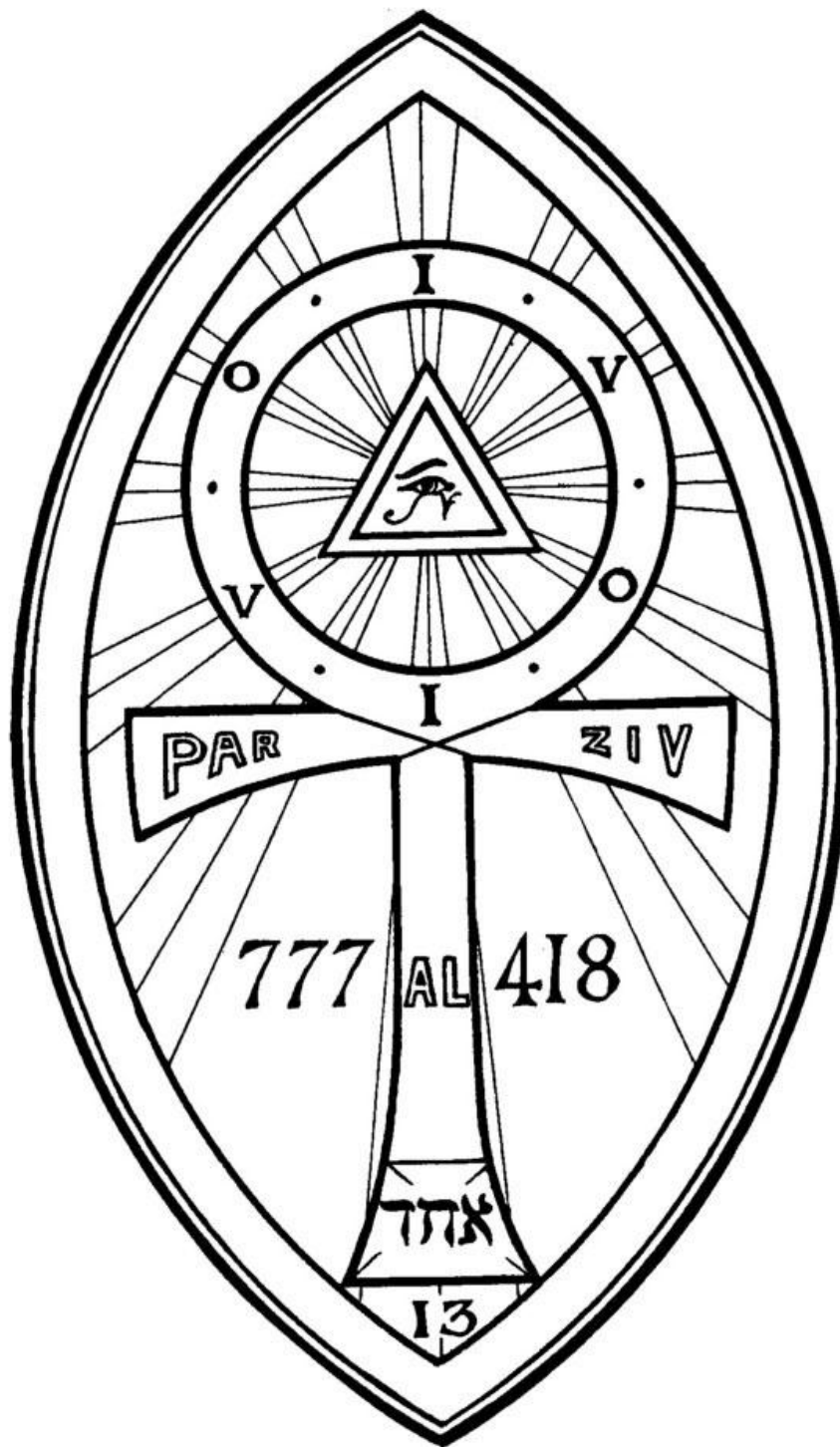
31 de dezembro, das 23h30 às 23h46. Em posição do Dragão. Meditação sobre o Amor⁹. Depois, imaginei a turva figura de Nuith sombreando o Universo. Amém. E agora sairei e desejarei um Feliz Ano-Novo para R. e para o bebê.

⁹ [Esse tipo de coisa é completamente errado. Realmente, de modo algum é uma meditação. Você permite que sua mente perambule por aí, em vez de prendê-la em um único e simples objeto. Samadhi nunca acontece nessas condições. O.M.]



O PANTÁCULO DE FRATER V.I.O.

Esse Pantáculo é um mapa simbólico do Universo, conforme entendido por Frater V.I.O., enquanto Neófito da A::A::, e oferecido por ele para o Exame deste Grau.



O LÁMEN DE FRATER V. I. O.

Este Lámen é simbólico da Consecução do Mestre, a Grande Obra que Ele levou à compleição.

UM COMENTÁRIO RESUMIDO POR FRA O.M. 7°=4□

Creio que você seja homem de verdade, e obterá a consecução. Seu trabalho foi duro e regular, e você manteve satisfatoriamente seu relatório. E você tem a Base da Substância. Esses são seus perigos. (1) Você é emotivo. Isso é muito ruim, e você deve se livrar disso. É uma forma de egoísmo que leva para o Caminho da Mão Esquerda. Você diz: “Tenho objeções a que minha esposa seja atropelada por um carro” e acredita estar afirmando uma Verdade Eterna. Ora, um elefante no Sião não se importa se ela for ou não atropelada. Diga então: “É certo que ele (relativamente a V.I.O.) deva ter objeções, etc., etc.”. Use essa análise em todas as emoções. Não se permita pensar que seu próprio ponto de vista é o único. Leia *Liber LXV*, capítulo I, 32-40 e 57-61. Isso é extremamente importante: caso você não consiga entender esse detalhe, ao chegar a determinado Portão você enlouquecerá. (2) Você tende à incerteza. Evidentemente, isso é parcialmente causado pela bruma do emocional. Antes que possa passar para Zelator, você deve conhecer e dominar completamente o Plano Astral. As viagens Astrais, apesar de interessantes e até mesmo esplêndidas e iluminadoras, não contam, a não ser que sejam resultado de sua vontade. Se você quer ir a seu escritório e em vez disso vai parar em Town Hall, não é desculpa alguma dizer que Town Hall tem belas colunas! Você deve abandonar todas as “Meditações sobre o Amor”. De qualquer modo, qual o problema com o Ódio? Para além do Abismo, ambos mutuamente se parecem como dois novos centavos. Você de fato quer dizer “Reflexões sobre o Amor”, “Pensamentos Noturnos de Jones”, “Pensamentos preguiçosos de um rapaz preguiçoso”. Tal prática é destruidora da alma e confunde a mente. Se for alimentada, certamente arruinará todo o poder de concentração.

Agora, aqui está seu Exame para o Grau de Zelator¹⁰.

(a) Siga pela porta onde está gravada esta figura e explique-a em detalhes por meio de suas visões.



¹⁰ [Este Exame é um elogio sutil, chegando quase à Bajulação. É um documento muito mais difícil do que seria definido na maioria dos casos.—O.M.]

(b) Invoque Mercúrio e Hod, e viaje até encontrar o Unicórnio mencionado em *Liber LXV*, capítulo III, verso 2. Relate completamente a conversa que você tiver.

(c) Por meio de visões, descubra a natureza dos princípios alquímicos: Enxofre, Mercúrio e Sal. Como eles diferem das três Gunas e dos elementos Fogo, Água e Ar?

(d) Faça um relato do Signo de Aquário nos quatro Mundos: Assiah, Yetzirah, Briah e Atziluth.

(e) Visite e descreva por completo a Qliphoth de Áries.

(f) Visite Iophiel e Hismael e descreva a aparência deles, seu modo de vida e discurso.

Observação. O trabalho da A.:A.: é completamente definido e direcionado. Não há lugar para um único pensamento descuidado.

(3) Você deve ser perfeitamente severo e austero a respeito da santidade da Obra. Não deveria permitir que sua esposa entre e fale no escritório; você deve fazê-la respeitar sua hora de trabalho em casa. Aqui, prevejo problemas: com raras exceções, uma mulher impede um homem de fazer qualquer coisa da qual ela não seja o centro. Assim, qualquer compromisso é impossível. Você deve ser mestre ou escravo; e a verdadeira gentileza é, de uma vez por todas, ser mestre, custe o que custar. O.M.

No momento, devemos deixar neste desfiladeiro nosso Peregrino. Ele está prestes a confrontar os estranhos habitantes do Mundo Astral, que representarão desvio ou perigo; e, seguindo a arrojada regra Rosacruziana, ele permanecerá na corrente da vida, sem a salvaguarda de um retiro absoluto e da renúncia do que lhe é externo, assim como advogado pelos instrutores orientais. Porém, no Caminho da A.:A.:, o externo é menos importante do que o essencial, e V.I.O. se encontra sob orientação e guardiania de uma Ordem cuja Onisciência é impecável, e Sua proteção é certa.

(Continua)

[Nota de Frater S.R.:

Não, não continua...

mas você poderia consultar

Liber XXXI – O Diário de Frater Achad].